

As
Brumas
de
Avalon



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *O Prisioneiro da Árvore / n.º 198 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Marion Zimmer Bradley*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência

Título original The Mists of Avalon — Book Four: The Prisoner in the Oak

© 1982 Marion Zimmer Bradley. Publicado originalmente nos E.U.A. por Ballantine Books Trade Edition, 1984

TRADUÇÃO: *Gabriela Alves Neves*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Novembro, 2012*

ISBN: *978-989-637-476-1*

DEPÓSITO LEGAL: *349415/12*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

MARION
ZIMMER BRADLEY

As
Brumas
de
Avalon

VOLUME IV
O PRISIONEIRO
DA ÁRVORE

Tradução de Gabriela Alves Neves

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



A chuva não parara de cair, dia após dia, nas longínquas colinas de Gales do Norte, e o castelo do rei Uriens parecia imerso no nevoeiro e na humidade. As estradas tinham lama até à altura dos tornozelos e os vaus tinham desaparecido sob as águas dos rios, que se precipitavam, transbordando, pelas montanhas abaixo. Um frio húmido percorria todo o campo. Morgaine, embrulhada numa capa e num xaile pesado, sentia os dedos dormentes e vagarosos ao manusear a lançadeira no tear. De súbito, endireitou-se, sobressaltada, deixando-a cair das mãos frias.

— O que foi, mãe? — perguntou Maline, pestanejando ao ouvir o barulho que ressoara no salão tranquilo.

— Há um cavaleiro na estrada — disse Morgaine. — Temos de nos preparar para o receber. — Depois, ao ver o ar perturbado da nora, amaldiçoou-se: mais uma vez se deixara cair naquele estado de semitranse, coisa que lhe acontecia agora quase sempre quando se entregava às tarefas femininas. Há muito que deixara de fiar, mas tecer, coisa de que gostava, havia-lhe parecido uma atividade segura, desde que se mantivesse bem desperta e não se deixasse sucumbir à sonolência, tão parecida com um estado de transe, que a sua monotonia provocava.

Maline estava agora a olhar para ela com aquela expressão, meio desconfiada, meio exasperada, que as inesperadas visões de Morgaine sempre lhe suscitavam. Não que pensasse que havia nelas algo de diabólico, ou sequer de mágico — era apenas a maneira de ser, um bocado estranha, da sogra. Mas se fosse falar no assunto ao padre, ele viria de novo ter com ela,

tentando ser subtil e perguntando-lhe quando é que tais visões lhe apareciam: ela teria de ostentar, mais uma vez, o seu arzinho de mulher dócil e suave e de dizer que não sabia de que é que ele estava a falar... Um dia, havia de estar tão farta ou tão desprevenida que se abriria com o padre e, então, ele teria realmente alguma coisa de que falar...

Bem, o que estava feito, estava feito, e já não se podia remediar. Ela dava-se razoavelmente com o padre Eian, que fora o tutor de Uwaine. E, para padre, até era um homem educado.

— Avisa o padre de que o seu pupilo estará aqui à hora do jantar — disse Morgaine. Mais uma vez, percebeu que falara sem pensar; sentira que Maline tinha estado a pensar no padre e respondera ao pensamento de Maline. Saiu do quarto, deixando a nora de olhos arregalados.

Durante todo o inverno, que fora duro, com chuva, neve e tempestades frequentes, nem um único viajante ali tinha chegado. Morgaine não se atrevia a fiar, pois isso abria demasiadamente depressa as portas ao transe. Agora, parecia que tecer começava a dar o mesmo resultado. Ocupava-se diligentemente a confeccionar fatos para todas as pessoas da casa, desde Uriens ao bebé mais novo de Maline, mas a costura perfeita já era difícil para os seus olhos. No inverno, não podia ir colher ervas e plantas medicinais, e era pouco o que conseguia fazer com tisanas e remédios. Não tinha companhia. As suas aias eram as mulheres dos homens de armas de Uriens e eram ainda mais estúpidas do que Maline. Nenhuma delas era capaz de soletrar sequer um verso da Bíblia, e sentiam-se chocadas por Morgaine ser capaz de ler e escrever e saber um pouco de grego e latim. Também nem sempre podia sentar-se junto da sua harpa. Assim, passara o inverno num misto de tédio e impaciência... o que era o pior, pensava ela, porque a tentação estava sempre presente, levando-a a sentar-se a fiar e a sonhar, deixando a mente deslizar para longe, até Camelot, para seguir Arthur, ou Accolon, que aí tinha uma missão a cumprir.

Tinha-lhe ocorrido, havia três anos, que Accolon deveria passar na corte o tempo suficiente para que Arthur o conhecesse bem e nele pudesse confiar. Accolon tinha as serpentes de Avalon nos pulsos, o que poderia vir a representar um elo de valor inestimável entre ele e Arthur. A saudade que sentia de Accolon era como que uma dor constante. Na sua presença, era aquilo que ele sempre via nela — a sacerdotisa suprema, confidente das suas vitórias e de si próprio. Mas isso era um segredo só dos dois. Durante as longas temporadas solitárias, Morgaine sentia frequentes dúvidas e receios. Afinal não seria mais do que aquilo que Uriens pensava dela? Uma rainha solitária que começava a envelhecer, com o corpo, o espírito e a alma a murcharem e a ficarem secos?

No entanto, mantinha todo o governo da casa com mão firme, e gover-

nava o povo do campo e as pessoas do castelo de tal modo que todos iam ter com ela em busca de conselhos e explicações. Nos campos em volta, dizia-se: *A rainha é sabedora e sensata. Nem o rei faz alguma coisa sem o seu consentimento.* O povo das Tribos sabia-o, quase a adorava, embora não se atrevesse a aparecer com muita frequência no antigo culto.

Nas cozinhas, tratou de tudo o que era preciso para um jantar de festa (ou, pelo menos, tão próximo disso quanto possível, tendo em conta as provisões que ainda lhes restavam ao fim de um longo inverno, com as estradas cortadas). Dos armários fechados à chave, tirou algumas das provisões que guardava como um tesouro: uvas e frutos secos, e algumas especiarias para temperar o que restava de presunto. Maline iria dizer ao padre Eian que se esperava Uwayne no salão para jantar; quanto a ela, trataria pessoalmente de arranjar Uriens.

Subiu até ao quarto dele, encontrando-o a jogar preguiçosamente aos dados com um dos seus homens de armas. O quarto cheirava a bafio e o ar estava viciado; precisava de ser arejado. *Pelo menos o longo período em que teve de estar de cama com a pneumonia, este inverno, fez com que não esperasse que eu fosse partilhar a minha cama com ele. Ainda bem, pensou Morgaine desapaixonadamente, que Accolon passou este inverno com Arthur, em Camelot; podíamos ter-nos arriscado de mais e ter sido descobertos.*

Uriens pousou o copo dos dados e olhou para ela. Estava mais magro, desgastado pela prolongada luta contra a febre. Dias houvera em que Morgaine chegara a pensar que Uriens não ia viver, e lutara por isso, valentemente, pela sua vida, em parte porque, apesar de tudo, gostava dele e não o queria ver morrer e, em parte, porque Avalloch lhe teria sucedido no trono assim que ele morresse.

— Não vos vi durante todo o dia. Tenho estado sozinho, Morgaine — disse Uriens, numa censura rabugenta. — Não sinto nem metade do prazer em olhar aqui para o Huw.

— Ora — disse Morgaine adotando o tom de voz de gracejo de que Uriens tanto gostava —, deixei-vos sozinho de propósito, por pensar que, à medida que ides envelhecendo, é natural que comeceis a gostar de rapazes novos e bonitos... Se não o quereis, meu marido, quer dizer que posso ficar com ele para mim?

— Estais a fazer o pobre homem corar — disse Uriens, soltando uma gargalhada. Depois continuou, sorrindo, bem-humorado: — Mas se me deixais aqui sozinho o dia todo, que hei de fazer senão olhos de carneiro mal morto para ele, ou para o cão, para passar o tempo?

— Pois bem, trago-vos boas notícias. Hoje, ides ser transportado lá para baixo, e jantais no salão... Uwayne vem a caminho e deve cá chegar antes da hora da ceia.

— Ora, louvado seja Deus! — disse Uriens. — Este inverno, cheguei a pensar que ia morrer sem voltar a ver nenhum dos meus filhos.

— Accolon deve vir para as festas do solstício de verão. — E Morgaine sentiu no corpo um aperto de fome violento, como que uma dor, ao pensar nas fogueiras de Beltane, que seriam daí a apenas dois meses.

— O padre Eian esteve aqui a tentar convencer-me a proibir os rituais — rabujou Uriens. — Estou cansado de lhe ouvir queixas. Meteu-se-lhe na cabeça que, se mandarmos abater o bosque, o povo terá de se contentar com a bênção que dá aos campos, sem desviar a atenção para as fogueiras de Beltane. É verdade que parece haver, cada ano, mais adeptos do velho culto. Eu tinha pensado que, à medida que o povo antigo fosse morrendo, ano após ano, iria diminuindo também esse culto. Estava decidido a deixá-lo morrer aos poucos, com o povo antigo, que não se consegue adaptar aos novos hábitos. Mas, se os jovens se estão a voltar de novo para o culto pagão, temos de fazer qualquer coisa... Talvez realmente mandar abater o bosque...

Se o fizeres, ainda mato alguém, pensou Morgaine; mas, quando falou, foi com suavidade e bom senso:

— Isso não seria bom. Os carvalhos fornecem alimento para os porcos e alimento para o povo dos campos. Até mesmo aqui no castelo tivemos de utilizar farinha de bolota numa época má. E o bosque já existe há centenas de anos... As árvores são sagradas

— Também já pareceis demasiado pagã, Morgaine.

— Sois capaz de dizer que o bosque de carvalhos não é trabalho de Deus? — retorquiu ela. — Porque haveríamos de punir árvores inofensivas, só porque há homens insensatos que fazem uso delas de uma forma que não agrada ao padre Eian? Pensei que amáveis a vossa terra.

— Bem, e amo mesmo — disse Uriens, rabugento. — Mas Avalloch também diz que o devia mandar cortar, para que os pagãos deixassem de ter lugar onde se reunir. Podíamos construir lá uma igreja, ou uma capela.

— Mas os antigos também são vossos súbditos — disse Morgaine — e na vossa juventude vós próprio consumastes o Grande Casamento com a terra. Sereis capaz de privar o povo antigo do bosque que representa a sua alimentação, o seu abrigo e a sua capela, construída pelas próprias mãos de Deus e não pelos homens? Sereis capaz de os condenar, assim, à morte pela fome, como aconteceu em algumas das terras desbravadas?

Uriens olhou para os seus pulsos velhos e deformados. As tatuagens azuis estavam quase completamente desvanecidas: não passavam de manchas ténues.

— Com razão vos chamam Morgaine das Fadas... O povo antigo não podia ter melhor defensora. Já que o pedis, senhora minha, pouparei o

bosque enquanto for vivo. Mas depois de mim, Avalloch pode fazer o que quiser. Sois capaz de me passar os meus sapatos e o fato, para que possa ir jantar ao salão como um rei e não como um velho decrépito em roupão e chinelas?

— Com certeza — disse Morgaine —, mas não consigo levantar-vos; terá de ser o Huw a vestir-vos.

Quando o homem acabou o seu trabalho, ela penteou os cabelos de Uriens e chamou o outro escudeiro, que já estava à espera do rei. Os dois homens ergueram-no, fazendo uma cadeirinha com os braços, e levaram-no até ao salão, onde Morgaine colocou almofadas na cadeira alta e ficou a vê-los sentar o velho corpo débil.

Nessa altura, começou a ouvir barulho de criados que corriam de um lado para o outro e de cavaleiros no pátio de entrada... *Uwaine*, pensou, quase não levantando os olhos, enquanto o jovem era escoltado até ao salão.

Era difícil acreditar que aquele cavaleiro, jovem e alto, de ombros largos e com uma cicatriz vermelha numa das faces, era o mesmo rapazinho esgaldado que viera ter com ela como um animalzinho selvagem, naquele primeiro ano de desespero e solidão que passara na corte de Uriens. *Uwaine* beijou a mão do pai e, depois, curvou-se diante de Morgaine.

— Meu pai. Querida mãe...

— É bom voltar a ver-te em casa, rapaz — disse Uriens. Mas os olhos de Morgaine estavam fixos no outro homem que o seguira até ao salão. Por um momento, não pôde acreditar: era como se estivesse a ver um fantasma... *Se ele estivesse aqui realmente, eu já o teria percebido por meio da Visão...* Depois, compreendeu: *Tenho tentado de tal maneira não pensar em Accolon, com medo de dar em doida...*

Accolon era mais magro do que o irmão e não tão alto. Os seus olhos fitavam Morgaine como setas, num olhar furtivo e rápido, enquanto se ajoelhava diante do pai; mas dominou a voz quando se voltou para ela:

— É bom estar de novo em casa, senhora...

— É bom ter-vos aqui — disse ela, com firmeza — a ambos. *Uwaine*, conta-nos como arranjaste essa horrível cicatriz na cara. Desde a derrota do imperador Lucius, pensei que todos os homens tinham jurado a Arthur que não arranjariam mais problemas!

— O habitual — disse *Uwaine*, ligeiramente. — Foi um bandido que se apropriou de uma fortaleza abandonada, e se divertia a pilhar os campos em volta e a intitular-se rei. O filho de Lot, *Gawaine*, foi comigo e solucionámos rapidamente a questão; *Gawaine* ainda arranjou uma mulher, depois do caso solucionado, uma viúva, dona de ricas terras. Quanto a isto — e tocou ao de leve na cicatriz —, enquanto *Gawaine* combatia o senhor, eu lutava contra o escudeiro, um bastardo horrível que combatia com a mão

esquerda e me apanhou desprevenido. Era trapalhão, ainda por cima; prefiro sempre lutar com um bom espadachim em vez de um mau, seja em que caso for! Se estivésseis lá, mãe, não tinha ficado com uma cicatriz destas. O cirurgião que me coseu a ferida tinha umas mãos de cavador! Estragou-me assim tanto a aparência?

Morgaine estendeu a mão e tocou ao de leve na face do enteado.

— Para mim, hás de ser sempre bonito, meu filho. Mas talvez ainda possa fazer alguma coisa... Está inchada e a supurar. Antes de me deitar, faço-te uma cataplasma para lhe pores em cima e poder sarar melhor. Deve doer-te.

— Dói — admitiu Uwaine. — Mas acho que tive sorte em não ter apanhado o tétano, como aconteceu a um dos meus homens. Mas que morte horrível! — Estremeceu. — Quando o ferimento começou a inchar, pensei que me tinha acontecido o mesmo, mas o meu bom amigo Gawaine disse-me que enquanto pudesse beber vinho, não corria perigo... e fez com que tivesse sempre bastante por perto. Juro que estive bêbado durante quinze dias, mãe! — Soltou uma ruidosa gargalhada. — Era capaz de dar todo o saque do castelo daqueles bandidos por uma tigela da vossa sopa... Não conseguia mastigar pão, nem comida seca, e quase morri de fome. Até perdi três dentes...

Morgaine levantou-se e foi examinar a ferida.

— Abre a boca. Sim — disse ela, fazendo sinal a um dos criados. — Tragam um pouco de guisado para Sir Uwaine, e fruta cozida também. — Depois, dirigindo-se ao enteado: — Não deves sequer tentar mastigar alimentos duros durante um certo tempo. Depois da ceia, vou tratar de ti.

— Não digo que não, mãe. Continua a doer-me imenso, e além disso há uma rapariga na corte de Arthur... Não quero que fuja de mim como se eu fosse o Diabo. — Deu uma risadinha.

Mas, apesar das dores do ferimento, comeu copiosamente e contou histórias da corte de tal maneira que, a certa altura, estavam todos a rir. Morgaine não ousava desviar a atenção do enteado, e durante toda a refeição sentiu os olhos de Accolon pregados nela, aquecendo-a como se estivesse agora ao sol, depois do frio do inverno.

Foi uma refeição alegre. Por fim, Uriens começou a dar sinais de cansaço, e Morgaine chamou os seus criados pessoais.

— É o primeiro dia em que deixais o leito, meu marido. Não deveis cansar-vos demasiado.

Uwaine pôs-se de pé e disse:

— Deixai-me levar-vos, pai. — Baixou-se e tomou o pai nos braços, erguendo-o como se fosse uma criança. Morgaine seguiu-os, mas antes de sair do salão, disse:

— Maline, olha pelas coisas aqui, por favor. Vou tratar da cara de Uwayne antes de ir para a cama.

Passado pouco tempo, já Uriens estava metido na cama, no seu quarto. Uwayne ficou de pé ao lado da cama do pai, e Morgaine foi até à cozinha para ferver os ingredientes necessários à cataplasma. Teve de acordar o cozinheiro para que aquecesse mais água no fogo da cozinha... Devia arranjar uma braseira e um caldeirão para os seus aposentos, se ia dedicar-se àquele género de trabalho. Porque é que nunca tinha pensado nisso antes? Voltou a subir e fez sentar Uwayne de maneira a poder aplicar-lhe a cataplasma na face, com um pano quente onde tinha embrulhadas as ervas fumegantes. O rapaz suspirou de alívio, à medida que a cataplasma começava a fazer sair o pus da ferida infetada.

— Oh... sabe bem, mãe... A rapariga da corte de Arthur não ia saber fazer isto. Quando me casar com ela, mãe, podeis ensinar-lhe um pouco das vossas artes? O nome dela é Shana e é da Cornualha. Era uma das aias da rainha Isotta. Como é que Marcus se intitula Rei da Cornualha, mãe? Pensava que Tintagel vos pertencia.

— E pertence, meu filho. Foi-me deixado por Igraine e pelo duque Gorlois. Não sabia que Marcus pensava que era o rei — disse Morgaine. — Será que ele se atreve a dizer que Tintagel lhe pertence?

— Não, pelo que ouvi, não tem lá ninguém dos seus — disse Uwayne. — Sir Drustan foi exilado para a Bretanha...

— Porquê? Era um dos homens do imperador Lucius? — perguntou Morgaine. As histórias da corte eram como um sopro de vida no marasmo daquele lugar isolado.

— Não — disse Uwayne, abanando a cabeça. — Dizia-se que ele e a rainha Isotta gostavam demasiado um do outro. Também, acho que não se pode censurar muito a pobre senhora... A Cornualha fica no fim do mundo; o duque Marcus é velho e rabugento, e os criados de quarto dele dizem até que é impotente. Devia ser uma vida dura para a pobre senhora; Drustan é belo e toca harpa, e ela gosta imenso de música.

— Não tens outras histórias da corte que não sejam sobre maldade, ou sobre as mulheres dos outros? — perguntou Uriens, franzindo o sobrolho, e Uwayne soltou uma gargalhada. Depois, disse:

— Bem, eu disse a Lady Shana que o pai dela podia mandar-vos um mensageiro para falar convosco e espero, querido pai, que quando ele chegar, não vos recuseis a recebê-lo. Shana não é rica, mas eu não preciso muito de um dote; ganhei bastantes bens na Bretanha. Hei de mostrar-vos parte do meu saque, e trouxe presentes também para vós, mãe. — Levantou a mão para afagar a face de Morgaine, que se curvava sobre ele para substituir o pacho da cataplasma por outro fresco. — Bem, eu sei que vós

não sois como Lady Isotta. Não virais as costas ao meu bom pai, nem vos portais mal.

Morgaine corou até as faces lhe doerem. Debruçou-se sobre o caldeiro que continha as ervas fumegantes, franzindo o nariz ao cheiro acre. Uwayne pensava que ela era a melhor das mulheres, e a confiança que ele tinha em si era-lhe bem agradável. Contudo, sentia a amargura de saber que não a merecia.

Pelo menos, nunca fiz com que Uriens fizesse papel de parvo, nem me pavoneei com nenhum amante nas barbas dele...

— Mas deveis ir até à Cornualha, quando o pai estiver suficientemente bom para viajar — disse Uwayne com seriedade, estremecendo um pouco, quando o calor do novo pacho atingiu um outro ponto da face ferida. — Deveis tornar bem claro, mãe, que Marcus não pode reclamar como seu aquilo que vos pertence. Há já tanto tempo que não ides a Tintagel, que o povo comum pode começar a esquecer-se de que tem uma rainha.

— Tenho a certeza que não chegaremos a tanto — disse Uriens. — Mas este verão, se estiver suficientemente forte, vou pedir a Arthur, quando lá for pelo Pentecostes, que me dê o seu conselho sobre esse assunto das terras de Morgaine.

— E se Uwayne se casar na Cornualha — disse Morgaine —, tomará conta de Tintagel por mim. Gostavas de ser meu castelão, Uwayne?

— Não há nada de que eu gostasse mais — disse Uwayne —, com exceção, talvez, de poder dormir esta noite sem sentir várias dores de dentes dispersas na cara.

— Bebe isto — disse Morgaine, deitando um pouco de um dos seus remédios, que tinha dentro de um frasquinho, no copo de vinho dele. — Posso garantir-te que vais dormir bem.

— Era capaz de dormir mesmo sem isso, penso eu, senhora, pois estou tão contente por estar em casa, na minha cama, e entregue aos cuidados da minha mãe! — Uwayne baixou-se, beijou o pai e, em seguida, a mão a Morgaine. — Mas é de bom grado que tomo o vosso remédio. — Engoliu o vinho com o remédio, e fez sinal a um dos homens de armas de Uriens para lhe alumiar o caminho até ao quarto. Accolon aproximou-se e beijou o pai. Depois disse:

— Também eu me vou deitar... senhora, há lá almofadas, ou o quarto está vazio e por arranjar? Há tanto tempo que não venho a casa que não me admirava se houvesse lá pombos e ninhos, naquele velho quarto onde eu costumava dormir, e onde o padre Eian tentava meter-me o latim na cabeça à força de palmadas no rabo.

— Disse a Maline que fosse ver se tinhas tudo o que precisas — disse Morgaine —, mas vou até lá para ter a certeza. Ides precisar ainda de mim

esta noite, meu senhor? — perguntou, virando-se para Uriens — Ou posso também ir descansar?

Como única resposta, ouviu-se um ressonar baixinho, e o camareiro, Huw, ajeitando as almofadas ao velho senhor, respondeu:

— Ide, Lady Morgaine. Se ele acordar de noite, eu tomo conta dele.

Enquanto se afastavam, Accolon perguntou: — Qual é o mal de meu pai?

— Teve uma pneumonia este inverno — disse Morgaine — e já não é novo...

— E vós é que tivestes de suportar todo o peso de tratar dele — disse Accolon. — Pobre Morgaine... — e tocou-lhe ao de leve na mão; o tom de voz era tão terno que ela teve de morder os lábios. Algo de duro e frio que havia dentro de si, congelado durante todo o inverno, começou a fundir-se e recebeu desfazer-se em lágrimas. Curvou a cabeça sem olhar para ele.

— E vós, Morgaine... nem uma palavra, nem um olhar para mim? — Estendeu a mão e tocou-lhe; ela respondeu apenas por entre dentes:

— Espera.

Chamou uma criada, para pôr fronhas lavadas nos almofadões e trazer um ou dois cobertores da rouparia.

— Se tivesse sabido que vinhas, tinha mandado pôr a melhor roupa de cama e fazê-la de novo com palha fresca.

— Não é palha fresca que quero na minha cama — disse ele, muito baixo. Mas ela recusou-se a encará-lo, enquanto as criadas faziam a cama de lavado, traziam água quente e luz, e lhe penduravam a armadura e outros atavios.

Um momento depois de se terem ido todos embora, ele perguntou:

— Mais tarde, posso ir ter convosco ao vosso quarto, Morgaine?

Ela abanou a cabeça e respondeu, também num murmúrio:

— Virei eu ter contigo... Eu posso ter desculpa para estar fora do quarto a meio da noite; mas, desde que o teu pai está doente, vêm muitas vezes chamar-me ao quarto... Não podem encontrar-te lá. — Apertou-lhe os dedos rapidamente, sem dizer mais nada. Foi como se as mãos dele a queimassem. Em seguida, na companhia do camareiro, deu uma última volta pelo castelo, para se assegurar de que estava tudo bem fechado e em segurança.

— Que Deus vos dê uma boa noite, senhora — disse o homem, fazendo uma vénia; e afastou-se.

Ela passou em bicos de pés pelo salão onde os homens de armas dormiam, movendo-se sem fazer qualquer ruído. Subiu as escadas, passou o quarto onde Avalloch dormia com Maline e as crianças mais novas, o quarto onde o pequenito Conn dormira com o seu tutor e os irmãos de leite,

antes de sucumbir à pneumonia. Na ala mais afastada, ficava o quarto de Uriens, o que agora ela ocupava, outro destinado habitualmente às visitas de importância e, na extremidade, aquele em que deixara Accolon. Foi para o seu quarto, com a boca seca, esperando que ele se tivesse lembrado de deixar a porta aberta. As paredes eram antigas e grossas, e não havia maneira de a poderem ouvir se estivesse a porta fechada.

Olhou para dentro do quarto, entrou e remexeu rapidamente a roupa da cama. A sua camareira, Ruach, era velha e surda; no inverno que findara, Morgaine tinha-a amaldiçoado várias vezes pela sua surdez e estupidez, mas agora isso convinha-lhe bastante... De qualquer modo, não queria que ela acordasse de manhã e visse que a sua cama não tinha sido usada; até mesmo a velha Ruach sabia que o rei Uriens não se encontrava suficientemente bem de saúde para poder compartilhar o leito com a rainha.

Quantas vezes já disse para comigo que não tenho de me envergonhar daquilo que faço... No entanto, não podia deixar que o seu nome fosse envolvido num escândalo, ou deitaria tudo a perder. O que detestava era a necessidade de se sujeitar ao fingimento.

Ele tinha deixado a porta aberta de par em par. Morgaine entrou rapidamente, com o coração a bater como louco, e fechou logo a porta. Sentiu-se imediatamente presa por um abraço faminto que lhe despertava o corpo impetuosamente para a vida. A boca dele pressionou a sua, como se tivesse tido tanto desejo daquilo como ela própria... Pareceu-lhe que toda a desolação e amargura do inverno desaparecia; sentia-se como gelo a derreter numa torrente que se precipitava e ameaçava transbordar... Apertou o corpo com força contra o de Accolon e esforçou-se por reter as lágrimas.

Toda a sua determinação em que Accolon não fosse para ela mais do que um sacerdote da Deusa, e em não permitir que existisse entre eles qualquer laço pessoal, ficara reduzida a nada diante daquela fome selvagem que a dominava.

Sentira tanto desprezo por Gwenhwyfar, por ter sido causa de escândalo na corte, e por ter tornado o marido objeto do ridículo, não sendo capaz de meter na ordem a mulher... Mas agora, nos braços de Accolon, todas as suas resoluções pareciam desvanecer-se. Mergulhou profundamente no abraço que lhe dava, e deixou que ele a levasse ao colo para o leito.

A noite já ia avançada quando Morgaine deslizou para fora da cama de Accolon. Estava profundamente adormecido e ela passou-lhe suavemente a mão pelo cabelo, deu-lhe um beijo ao de leve, e esgueirou-se para fora do quarto. Não tinha dormido: rezeira fazê-lo, e ser surpreendida ali pelo dia.

Faltava pouco mais de uma hora para o Sol nascer. Morgaine esfregou os olhos cansados. Algures, lá fora, um cão ladrou, uma criança choramingou e foi acalmada, e os pássaros começaram a pipilar no jardim. Chegou-se junto de uma estreita abertura na parede de pedra, e olhou para fora, pensando: *Daqui a uma lua, será já pleno dia a esta hora.* Por um momento, deixou-se estar encostada à parede, imersa em recordações da noite que passara.

Nunca soube, pensou, nunca tinha experimentado a sensação de ser apenas mulher. Dei à luz um filho, fui casada durante catorze anos e tive vários amantes... mas não sabia nada, nada...

De súbito, sentiu uma mão áspera agarrar-lhe num braço. E ouviu a voz rouca de Avalloch:

— Que andas tu a fazer, esgueirando-te pela casa a uma hora destas, rapariga?

Tinha-a evidentemente tomado por uma das criadas; algumas eram baixinhas e morenas, com o sangue dos antigos.

— Larga-me, Avalloch — disse ela, olhando para a face indistinta do seu enteado mais velho. Era pesado e balofo, com as queixadas gordas, os

olhos pequeninos e muito juntos. Accolon e Uwayne eram homens bonitos, e podia ainda perceber-se que, em tempos, Uriens também teria sido uma boa figura, à sua maneira. Avalloch não.

— Pois bem, senhora minha mãe! — disse ele, dando um passo para trás e fazendo uma vénia exagerada. — Repito: que estais aqui a fazer a estas horas?

A sua mão ficara-lhe pousada no braço e ela sacudiu-a como se fosse um percevejo.

— Quer dizer que agora tenho de te dar conta daquilo que faço? Estou na minha casa e ando nela conforme me apetece; é esta a única resposta que te dou. — *Ele não gosta de mim, pensou, detesta-me quase tanto como eu o detesto a ele.*

— Não queirais brincar comigo, minha senhora — disse Avalloch. — Pensais que não sei nos braços de quem passastes a noite?

— O quê? Então agora és tu que brincas aos feiticeiros e à Visão? — perguntou, com desprezo.

A voz dele baixou de tom e tornou-se brandiciosa:

— Claro que deve ser muito aborrecido para vós ser casada com um homem com idade suficiente para ser vosso pai... Mas eu não ia ferir os sentimentos do meu pai contando-lhe onde é que a mulher dele passa as noites, desde que... — Passou-lhe um braço em volta da cintura e puxou-a para si à força. Baixou a cabeça e mordiscou-lhe o pescoço, com a face mal barbeada a arranhar-lhe a pele — ... desde que venhais ter comigo e passeis também algumas na minha cama.

Ela conseguiu libertar-se, e tentou dar um tom de gracejo à voz:

— Ora, Avalloch, porque é que hás de cobiçar a tua velha madrastra, quando tens a Donzela da Primavera para te entreteres, e ainda todas as raparigas bonitas da aldeia?

— É que eu sempre vos olhei como uma mulher bonita — disse ele, avançando uma mão para lhe afagar o ombro e introduzindo-a depois na abertura do roupão semiaberto.

Ela voltou a empurrá-lo, e a cara dele contorceu-se, prosseguindo depois, quase num rosnido:

— Para quê fazer de menina virtuosa comigo? Estivestes com Accolon, com Uwayne, ou com ambos ao mesmo tempo?

— Uwayne é meu filho! — respondeu ela, atónita. — Sou a única mãe de que ele se pode lembrar!

— E quereis que pense que isso é coisa para vos deter, Lady Morgaine? Falava-se à boca cheia na corte que éreis amante de Lancelet, e que tentáveis roubá-lo à rainha, que compartilháveis a cama de Merlim, que não tínheis hesitado em fazer amor desonestamente com o vosso próprio irmão, e que

foi por isso que o rei vos mandou embora da corte, para que não pudésseis tentá-lo mais a afastar-se dos preceitos cristãos... Porque haveríeis de deter-vos em relação ao vosso enteado? Será que Uriens sabe que meretriz incestuosa tomou por mulher, senhora?

— Uriens sabe a meu respeito tudo o que precisa de saber — disse Morgaine, surpresa por ter a voz tão calma. — Quanto a Merlim, nenhum de nós era casado, e nenhum de nós liga nenhuma às regras de uma corte cristã. O teu pai soube-o e absolveu-me disso. Ninguém, a não ser ele, tem o direito de me fazer observações sobre a minha conduta; e se o fizer, responder-lhe-ei devidamente. Mas a vós não preciso de responder, Sir Avalloch! Agora, vou para o meu quarto e peço-vos que vades para o vosso.

— Com que então, atirais-me à cara as regras pagãs de Avalon — ros-nou Avalloch. — Meretriz, como vos atreveis a dizer que sois tão boa... — Agarrou-a e esmagou-lhe a boca com a sua. Morgaine espetou-lhe os dedos na barriga, e ele largou-a com um ronco, amaldiçoando-a. Ela disse, zangada:

— Não digo que sou boa, nem que deixo de ser. Não tenho de te dar satisfações sobre a minha conduta e, se fores falar com Uriens, dir-lhe-ei como quiseste agarrar-me, com maneiras nada próprias para com a mulher de teu pai; e então veremos em quem é que ele acredita.

— Deixai-me dizer-vos, senhora — ros-nou Avalloch —, que podeis enganar o meu pai como quiserdes, mas ele está velho e, no dia em que eu for proclamado rei destas terras, não haverá mais perdão para aqueles que continuaram a viver à vontade, só porque o meu pai não consegue esquecer-se de que um dia também usou as serpentes.

— Oh, mas que estranho! — disse Morgaine, desdenhosa. — Primeiro, fazes avanços à mulher do teu pai, e depois gabas-te do cristão exemplar que vais ser, quando as terras do teu pai forem tuas!

— Tu é que me enfeitiçaste... meretriz!

Morgaine não conseguiu conter uma gargalhada.

— Enfeiticei-te, a ti? E porquê? Avalloch, se todos os homens desaparecessem da Terra menos tu, mais depressa era capaz de partilhar a minha cama com um dos cachorrinhos! Pode ser que o teu pai tenha idade suficiente para ser meu avô, mas prefiro mil vezes ir para a cama com ele do que contigo! Pensas que tenho ciúmes de Maline, quando, afinal, de cada vez que vais até à aldeia, nas colheitas, ou no Festival da Primavera, ela se põe a cantar de alegria? Se eu fizesse qualquer feitiço, não seria para gozar a tua virilidade, mas sim para a afastar! E agora, tira as mãos de cima de mim e vai-te embora para onde quiseres, porque se voltares a tocar-me nem que seja só com um dedo, juro que te despojo da tua virilidade!

Ele acreditou que ela pudesse fazê-lo, o que ficou bem claro pela ma-

neira como rapidamente se encolheu, afastando-se. Mas iria certamente contar tudo ao padre Eian, que depois lhe havia de vir fazer perguntas a ela, a Accolon, e aos criados; depois, havia de ir ter de novo com Uriens, seringando-o para que mandasse deitar abaixo o bosque sagrado para assim poder suprimir o antigo culto. Avalloch não ia sossegar enquanto não tivesse virado a corte do avesso.

Odeio-o! Morgaine ficou surpreendida ao aperceber-se de que o seu ódio era físico, de tal modo que lhe provocava uma dor pungente debaixo do esterno e lhe punha o corpo todo a tremer. *Até agora tenho tido orgulho em poder dizer: uma sacerdotisa de Avalon não mente! Mas agora há qualquer coisa acerca da qual preciso de evitar a verdade. Até mesmo Uriens me ia ver como uma mulher traidora, a esgueirar-me em segredo para a cama de Accolon para satisfazer a minha luxúria...* Chorava de raiva, parecendo-lhe voltar a sentir as mãos quentes de Avalloch no braço e nos seios. Mais cedo ou mais tarde, havia de ser acusada e, mesmo que Uriens acreditasse nela, passaria a ser vigiada. *Ah, fui feliz pela primeira vez em muitos anos, e agora está tudo estragado...*

O Sol já estava a nascer; em breve os criados iam acordar, e ela precisava de fazer preparações para o trabalho desse dia. Teria ele estado apenas a tentar adivinhar? Uriens teria de ficar na cama durante esse dia, e Avalloch não ia decerto inquietar o pai. Tinha de ferver mais ervas medicinais para a ferida da cara de Uwayne, e a raiz de um dos dentes que ele perdera também devia ser arrancada.

Uwayne amava-a. Tinha a certeza que não ia dar ouvidos a nenhuma acusação que Avalloch pudesse fazer. Nisto, sentiu de novo um acesso de fúria ao recordar as palavras de Avalloch: *«Estivestes com Accolon, com Uwayne, ou com ambos ao mesmo tempo?» Sou tão mãe de Uwayne como se eu o tivesse parido! Que espécie de mulher pensa ele que eu sou?* Teria mesmo corrido aquele rumor na corte, de que ela tinha cometido incesto com Arthur? *Se assim for, como posso eu levar Arthur a reconhecer Gwydion como seu filho? Galahad é o herdeiro de Arthur, mas o meu filho tem de ser reconhecido, e com ele a linhagem real de Avalon. Mas não pode haver mais escândalos a meu respeito, sobretudo nem a mais leve suspeita de que tenha cometido incesto com o meu enteado...*

Depois, ponderou um pouco no que se passava consigo. Fora tomada por uma raiva desesperada ao saber que estava à espera de um filho de Arthur, e agora isso parecia-lhe uma coisa trivial. Ao fim e ao cabo, nem ela nem Arthur sabiam que eram irmão e irmã, naquela altura. Mas Uwayne, que não tinha qualquer laço de sangue com ela, era contudo muito mais seu filho do que Gwydion. Ela era, no fundo, a mãe de Uwayne...

Pois bem, agora já não havia nada a fazer. Foi até à cozinha, e ouviu o

cozinheiro queixar-se de que já se acabara todo o bacon e de que as despensas começavam a estar tão vazias que era difícil conseguir alimentar todos aqueles hóspedes.

— Bem, então temos de mandar hoje Avalloch à caça — disse Morgaine.

Fez parar Maline, nas escadas, quando esta levava o vinho quente da manhã para o marido.

— Vi-vos falar com Avalloch — disse Maline. — Que é que ele tinha para vos dizer?

Franzia um pouco a testa, e Morgaine, lendo-lhe os pensamentos (o que era fácil a uma mulher tão estúpida como Maline), reparou que a nora a temia e invejava. Achava injusto que Morgaine pudesse conservar a sua linha esbelta e firme, enquanto ela, Maline, estava pesadona e gasta pelos repetidos partos. Achava injusto que Morgaine conservasse o seu lindo cabelo escuro, espesso e brilhante, enquanto ela, sempre ocupada com os bebés, nunca tinha tempo para pentear e escovar o seu para o tornar brilhante.

Morgaine respondeu-lhe com a verdade, desejando evitar ao mesmo tempo esses sentimentos na cunhada:

— Falámos de Accolon e de Uwaine. Mas as despensas estão quase vazias e Avalloch precisa de sair para caçar um javali.

Ao dizer isto, aquilo que tinha de fazer passou-lhe como um relâmpago pela mente e, por um momento, ficou completamente gelada, ouvindo a voz de Niniane soar no seu espírito com as palavras *Accolon deve suceder a seu pai*, e a sua voz a responder... Maline olhava-a na expectativa, esperando que acabasse o que estava a dizer, e Morgaine recompôs-se rapidamente, prosseguindo:

— Diz-lhe que deve ir à caça de um javali, hoje mesmo se puder, ou amanhã o mais tardar, senão em breve estaremos a comer o que resta de farinha.

— Claro que lho vou dizer, mãe — disse Maline. — Vai sentir-se feliz por ter uma desculpa para sair daqui.

Pelo seu tom de voz, Morgaine percebeu que ficara aliviada por não ser nada de pior.

Pobre mulher, casada com aquele porco! Recordou, perturbada, o que Avalloch lhe tinha dito: «*No dia em que eu for proclamado rei destas terras, não haverá mais perdão para aqueles que continuaram a viver à vontade, só porque o meu pai não consegue esquecer-se de que um dia também usou as serpentes.*»

Era esta, portanto, a sua missão: fazer com que Accolon sucedesse a seu pai, não por ela, nem por vingança, mas para bem do antigo culto que com

Accolon tinha voltado a trazer àquela terra. *Se tivesse meia hora para contar tudo a Accolon, ele iria à caça com Avalloch; e não tenho qualquer dúvida de que isso resolveria tudo.* E pensou, friamente: *Deverei manter as mãos limpas em relação a este assunto e deixá-lo a cargo de Accolon?* Uriens estava velho; mas tanto podia viver mais um como mais cinco anos. Agora que Avalloch sabia de tudo, havia de recorrer ao padre Eian para que minasse qualquer influência que tanto Accolon como Morgaine pudessem ter, e então tudo o que fora feito teria sido em vão.

Se Accolon quer este reino, talvez seja a ele que compete trabalhar por isso. Se Avalloch morrer envenenado, eu é que serei executada como feiticeira. Contudo, se deixasse aquilo a cargo de Accolon... Tudo iria ficar demasiado parecido com a velha balada que começava assim: «Dois irmãos foram à caça...»

Deverei contar tudo a Accolon e deixá-lo agir ao sabor da raiva? Perturbada sem saber bem o que havia de fazer, subiu e foi encontrar Accolon no quarto do pai. Quando ia entrar, ouviu-o dizer:

— Hoje, Avalloch vai à caça do javali... As despensas estão quase vazias. Vou com ele. Há muito tempo que não vou à caça nas minhas colinas!...

— Não — cortou Morgaine, secamente. — Fica hoje com o teu pai. Ele precisa de ti, e Avalloch tem todos os seus batedores para o acompanharem.

Tenho de arranjar forma de lhe dizer o que tenciono fazer, pensou Morgaine. Mas, de súbito, deteve-se: se ele soubesse o que ela planeava (embora ela própria não soubesse ainda qual a ação que a necessidade iria exigir), nunca iria concordar, a não ser, talvez, no primeiro impulso de raiva, depois de ouvir o que Avalloch lhe dissera.

Mas se isso acontecesse, pensou ela, *embora eu o conheça demasiado bem para poder crer nisso, é porque a fome que tenho do seu corpo pode ter-me iludido, e ele ser menos cavalheiresco do que penso. Se ele consentisse em tomar parte neste assunto, tornar-se-ia um fratricida, sujeito à maldição que pune os fratricidas, e não um homem em quem posso confiar para fazer aquilo que temos de fazer. Avalloch só é meu parente por afinidade; não tenho com ele qualquer laço de sangue que possa ser desonrado. Só se tivesse dado um filho a Uriens, é que eu teria uma culpa de sangue.* E ficou contente por não ter tido nenhum filho de Uriens.

— Deixai Uwayne ficar ao pé do pai — disse Accolon. — Se ainda está a tratar a ferida que tem na cara, é ele quem deve ficar em casa ao pé da lareira.

Como é que o hei de fazer compreender? As suas mãos têm de se manter limpas; ele tem de estar aqui quando a notícia chegar... Que hei de dizer-lhe para que perceba que isto é importante, talvez a coisa mais importante que alguma vez lhe possa vir a pedir? A urgência e a impossibilidade de lhe transmitir aquilo que pensava fizeram-na responder secamente:

— És capaz de fazer aquilo que te peço sem discutir, Accolon? Se tenho de me ocupar da ferida do teu irmão Uwayne, não posso arranjar tempo para tratar também do teu pai, e acho que nos últimos tempos ele tem estado entregue aos cuidados dos criados mais tempo do que devia! — *E, se a Deusa estiver comigo, ele há de precisar de ti a seu lado mais do que nunca, ainda antes de o dia findar..* .

Tornou propositadamente as palavras um pouco indistintas, na esperança de que Uriens não compreendesse o que estava a dizer.

— Peço-to, como tua mãe — disse ela, mas o que estava a tentar transmitir a Accolon com toda a força do seu espírito era: *Ordeno-te, em nome da Deusa...*

— Obedece-me — disse ela. E, afastando-se um pouco de Uriens de modo a que só Accolon pudesse ver, tocou no crescente azul esmaecido que tinha na testa.

Accolon olhou-a, intrigado, interrogando-a com o olhar, mas ela limitou-se a dar meia-volta e a afastar-se, abanando ligeiramente a cabeça, e esperando que ele compreendesse, pelo menos, o motivo por que não podia falar livremente.

Accolon respondeu, franzindo o sobrolho:

— Certamente, já que o desejas tanto. Ficar junto do meu pai não é para mim tarefa pesada.

A meio da manhã, Morgaine viu Avalloch sair a cavalo, levando consigo quatro homens e, enquanto Maline se encontrava no salão de baixo, esgueirou-se para dentro do quarto deles, procurando qualquer coisa no quarto desarrumado, por entre roupas sujas de bebé e fraldas do mais novinho, também ainda por lavar. Finalmente, encontrou uma pequena pulseira de bronze que já tinha visto Avalloch usar. Havia também algumas coisas de ouro no cofre de Maline, mas não se atreveu a tirar nada de valor cuja falta pudesse ser notada quando a criada viesse arrumar o quarto. Nesse momento, entrou a criada, que lhe perguntou ao vê-la ali:

— Que desejas, senhora?

— Não estou disposta a viver numa casa que parece um chiqueiro! — respondeu, fingindo-se zangada. — Olha para todas estas fraldas sujas, a cheirar a cocó de criança! Leva-as imediatamente para baixo e entrega-as à lavadeira, e depois deixa entrar o ar neste quarto, ou terei de ir pôr um avental e tratar eu própria de limpar tudo isto?

— Não, minha senhora — respondeu a criada, adúladora, pegando no molho de fraldas que ela tinha nos braços. Morgaine escondeu a pulseira de bronze dentro do corpete e desceu para dizer à cozinheira que aquecesse água para tratar da ferida de Uwayne. Primeiro tinha de tratar disso, e depois havia que organizar as diversas tarefas da casa, de modo a poder

ter a tarde livre e ficar sozinha para o que tinha de fazer... Mandou chamar o melhor cirurgião, dizendo-lhe que trouxesse os seus apetrechos, e disse a Uwayne que se sentasse e abrisse a boca, para que ela visse a raiz do dente que estava partido. Ele suportou estoicamente a provação, embora o dente voltasse a partir-se no maxilar e fosse preciso remexer na gengiva ferida para arrancar o resto da raiz. Felizmente, estava meio dormente e inchado. Quando todos os pedaços de dente já tinham sido finalmente extraídos, ela deitou um pouco do seu analgésico mais forte na fenda e voltou a pôr uma nova cataplasma na face inchada. Por fim, tudo acabou, e ela ordenou a Uwayne que fosse de novo para a cama depois de um bom trago de álcool; ele protestou, dizendo que já tinha cavalgado e até combatido em pior estado, mas ela insistiu com firmeza, dizendo-lhe que se fosse deitar e deixasse os remédios fazerem efeito. Assim, também Uwayne ficava em segurança, fora do seu caminho e livre de qualquer suspeita. Como mandara as criadas lavar a roupa, também não estava lá nenhuma delas e Maline começou a lamentar-se.

— Se queremos ter fatos novos para o Pentecostes e se é preciso acabar a capa de Avalloch... Sei que não gostais de fiar, mãe, mas eu tenho de ir para o tear fazer a capa de Avalloch e as mulheres estão todas ocupadas a aquecer caldeiras de água para a lavagem e a ir buscar as pás de bater a roupa...

— Oh, pois é! Tinha-me esquecido disso — disse Morgaine. — Bem, não há outro remédio; nesse caso, terei de ir fiar; a menos que queiras que vá eu para o tear. — E pensou que seria ainda melhor do que a pulseira, uma capa feita à medida dele, pela própria mulher.

— Sereis capaz de fazer isso, mãe? Tendes a capa nova do rei para acabar, no outro tear...

— Uriens não precisa tanto dela como Avalloch — disse Morgaine. — Vou eu trabalhar na tecelagem da capa de Avalloch. — *E quando tiver terminado*, pensou, sentindo um calafrio passar-lhe pelo coração, *ele nunca mais vai precisar de outra capa...*

— Nesse caso, vou fiar — disse Maline — e fico-vos muito agradecida, mãe. Teceis muito melhor do que eu. — Aproximou-se e encostou a face à da sogra. — Sempre fostes boa para mim, Lady Morgaine.

Só não sabes é o que estarei a tecer esta tarde, filha.

Maline sentou-se e pegou na roca. Ficou parada um momento, apertando o fundo das costas com as mãos.

— Não estás bem?

— Não é nada — disse Maline. — Tenho as regras atrasadas quatro dias. Devo estar outra vez grávida. Tinha esperado poder amamentar o bebé mais um ano... — Suspirou. — Avalloch tem na aldeia mulheres que

cheguem, mas penso que nunca perde a esperança de que lhe dê outro filho para tomar o lugar de Conn! Não liga nenhuma às meninas; nem sequer chorou quando a Maeva morreu, o ano passado, mesmo antes de eu dar à luz este último bebé; e, quando viu que era outra rapariga, ficou danado comigo. Morgaine, se realmente sabeis fazer feitiços, não me podíeis fazer um, para eu dar à luz um rapaz da próxima vez que engravidar?

Morgaine sorriu, fazendo correr a lançadeira pelos fios:

— O padre Eian não ia gostar disso, se soubesse que me andas a pedir feitiços. Havia de dizer-te que deves rezar à Virgem Maria para te dar um filho.

— Bem, o filho dela foi um milagre, e eu começo a pensar que, se vier a ter outro, há de ser também um milagre — disse Maline. — Mas talvez seja apenas o efeito deste tempo frio e doentio.

— Eu faço-te um chá para isso — disse Morgaine. — Se realmente estiveres à espera de bebé, juro-te que não te fará mal nenhum e, se for só um atraso motivado por um resfriado, fará com que as regras te apareçam normalmente.

— É uma das vossas poções mágicas de Avalon, mãe?

Morgaine abanou a cabeça.

— É apenas conhecimento das plantas, nada mais — disse ela, dirigindo-se à cozinha para pôr a beberagem a ferver ao lume.

Trouxe uma das suas tigelas a Maline e disse:

— Bebe-a o mais quente que possas suportar, e embrulha-te bem no xaile enquanto fias; tenta manter-te quente.

Maline bebeu até esvaziar a tigela de barro e no fim fez uma careta.

— Bah, sabe mal!

— Podia ter-lhe posto um pouco de mel, como faço com os chás que dou às crianças quando têm febre — disse Morgaine, sorrindo.

Maline suspirou e voltou a pegar na roca e no fuso, dizendo:

— Gwyneth já tem idade suficiente para fiar. Eu já era capaz de fiar aos cinco anos.

— Também eu — disse Morgaine —, mas peço-te que deixes a lição para outro dia. Se vou ficar aqui a tecer, não quero ouvir barulho e confusão.

— Bem, então vou dizer à ama que ponha as crianças todas no terraço, lá fora — disse Maline.

Morgaine varreu-a imediatamente do espírito, começando a passar vagarosamente a lançadeira e dando muita atenção ao padrão do tecido: era aos quadrados verdes e castanhos, o que não exigia muito de uma boa tecelã. Desde que fosse contando os fios automaticamente, não precisava de manter o espírito ocupado na tarefa. Fiar teria sido melhor. Mas ela tornara

tão conhecida a sua aversão à tarefa de fiar que, se se oferecesse nesse dia para o fazer, o facto viria a ser recordado mais tarde.

A lançadeira deslizava por entre os fios: verde, castanho, verde, castanho; pegava na outra lançadeira de dez em dez fios e mudava de cor. Tinha ensinado Maline a tingir os fios daquele tom de verde, como aprendera em Avalon... Verde das folhinhas novas que apareciam na primavera, e castanho da terra e das folhas caídas, onde o javali deambulava à procura de bolotas... A lançadeira a deslizar pelo tecido, o pente a ajustar cada fileira de fios, as mãos a moverem-se automaticamente, para dentro, para fora: «Atravessa, desce a régua, vai buscar a lançadeira ao outro lado...» *Quem me dera que o cavalo de Avalloch escorregasse e caísse, e que ele partisse o pescoço e me poupasse àquilo que tenho de fazer...*

Sentiu frio e estremeceu, e esforçou-se por ignorá-lo, concentrando-se na lançadeira a deslizar por entre os fios, para dentro e para fora, deixando as imagens aparecerem e desaparecerem livremente, fazendo-a ver Accolon no quarto de Uriens a jogar às damas com o pai, Uwayne a dormir, agitando-se e virando-se na cama com dores na face ferida apesar do analgésico, mas com a ferida já a sarar, bem limpa... *Quem me dera que um javali selvagem contra-atacasse e que os caçadores de Avalloch levassem tempo de mais a acorrer em sua ajuda...*

Disse a Niniane que não mataria. Nunca digas: «Desta água não beberei...» Uma imagem do Poço Sagrado de Avalon apresentou-se-lhe ao espírito: a água a brotar da nascente, correndo para a fonte. A lançadeira tremeluzia, para dentro e para fora, verde e castanho, verde e castanho, como a luz do Sol brilhando por entre as folhas verdes sobre a terra castanha, onde as águas da primavera que subiam no seio da floresta transportavam a vida, a seiva que fluía nos troncos castanhos... A lançadeira tremeluzia, mais depressa, cada vez mais depressa, e o mundo começava a ficar desfocado aos seus olhos... *Deusa! Tu que corres na floresta com a vida galopante do veado... Todos os homens estão nas Tuas mãos, e todos os animais...*

Anos atrás, tinha sido a Virgem Caçadora que abençoara O-Dos-Chifres e o mandara juntar-se aos outros veados para conquistar ou morrer, conforme a Deusa decretasse. Ele regressara para ela... Agora, já não era essa Virgem, com todo o poder da Caçadora. Como a mãe, que possui todo o poder da fertilidade, urdira feitiços para levar Lancelet ao leito de Elaine. Mas, para ela, a maternidade findara com o sangue derramado no nascimento de Gwydion. Agora, estava ali sentada com a lançadeira na mão, tecendo as teias da morte, tal como a sombra da velha figura da morte. *Todos os homens estão nas Tuas mãos, para viver ou morrer, Mãe...*

A lançadeira tremeluzia, faiscava para dentro e para fora à vista dela,

verde, castanho, verde, tal como as folhas e a floresta entrelaçadas, onde os animais corriam... O javali selvagem fungando, grunhindo e fossando no chão com os compridos colmilhos, a fêmea com as crias a correrem atrás, entrando e saindo das pequenas matas espessas... A lançadeira corria-lhe nas mãos e ela nada via; ouvia apenas o resfolegar do animal na floresta.

Ceridwen, Deusa, Mãe, Figura da Morte, Grande Corvo... Senhora da morte e da vida... Grande Porca, devoradora dos próprios filhos... Invoco-Te, chamo-Te... Se é isso realmente o que decretaste, compete-Te a Ti consumá-lo... O tempo deslizava e mudava à sua volta; e viu-se nos caminhos da floresta com o sol a queimar-lhe as costas, enquanto corria com o Rei Veado; movia-se suavemente por entre a floresta, fungando, fungando; cheirava a vida; os caçadores avançavam pesadamente e gritavam: Mãe! Grande Porca!...

Morgaine sabia, num canto perdido do seu espírito, que as suas mãos continuavam a mover-se regularmente, verde, castanho, mas debaixo das pálpebras cerradas não via nada da sala ou dos fios: apenas o verde novo que brotava sob as árvores, a lama e as folhas mortas castanhas do inverno; avançava, era como se fosse ela que avançava, fossando no chão, a quatro patas, na lama fragrante... *Há vida da Mãe, aqui, debaixo das árvores... Atrás dela os grunhidinhos e os guinchos dos porquinhos, com as presas a remexerem o solo à procura de raízes ocultas e bolotas... Castanho e verde, verde e castanho...*

Como um choque nos nervos, como se lhe trespassasse o corpo, sentiu o som dos passos pesados que avançavam pela floresta, os gritos distantes... O seu corpo ficou imóvel; sentada diante do tear, tecendo fios castanhos e alternando-os com verdes, lançadeira após lançadeira (apenas os dedos tinham vida, sob a incipiente emoção do terror, o acesso de raiva), dilatou-se, deixando que a vida do javali a percorresse...

Deusa! Não permitas que os inocentes sofram... Os caçadores não são nada para Ti... Não podia fazer nada; observava, cheia de horror, a tremer, agoniada pelo cheiro do sangue, do seu companheiro... sangue que corria do grande javali macho; mas isso não era nada para ela; tal como o Rei Veado, tinha de morrer... Quando chegava a hora, o seu sangue tinha de ser derramado sobre o solo... Por detrás dela, ouviu os guinchos das crias aterrorizadas e, subitamente, a vida da Grande Deusa fluíu nela como uma torrente; já não sabia se era Morgaine, se a Grande Porca; ouvia o seu próprio grunhir enlouquecido — tal como em Avalon, quando tinha erguido os braços e trazido até si as brumas da Deusa. Atirou a cabeça para trás, a tremer, a grunhir, sentindo o terror das suas crias, fazendo pequenas arremetidas curtas, levantando a cabeça, correndo em círculos... Verde e castanho sob os seus olhos, uma insignificante lançadeira movida por dedos

automatizados, passando despercebida... E de súbito, enlouquecida pelos odores estranhos que sentia, sangue, ferro, coisas estranhas, o inimigo que se erguia sobre duas pernas, aço, sangue e morte, sentiu-se a si própria a dilatar-se, ouviu gritos, sentiu a ardente estocada do metal e o vermelho embaciou-lhe os olhos, misturando-se com o castanho e o verde da floresta; sentiu os colmilhos despedaçarem-se-lhe e uma golfada de sangue quente jorrar para fora de si, enquanto a vida lhe fugia numa dor dilacerante; depois, não sentiu mais nada... E a lançadeira continuava, pesada como chumbo, tecendo castanho, e verde, e castanho, sobrepondo-se à agonia que sentia no ventre, ao nevoeiro vermelho que lhe obscurecia a visão e ao bater desordenado do coração, com os gritos a ressoarem-lhe ainda nos ouvidos, dentro da sala silenciosa onde não se ouvia nada que não fosse o sussurro da lançadeira, urdindo a teia do tecido, do fuso, da roca... Vacilou silenciosa no seu transe, exausta... Caiu para a frente, por cima do tear, e aí ficou imóvel. Passado algum tempo, ouviu Maline falar, mas não se mexeu nem respondeu.

— Ah! Gwyneth, Morag!... Mãe, estais doente? Ah, céus, tinha de tecer! E faz-lhe sempre este efeito... Uwaine! Accolon! Venham cá! A mãe caiu para cima do tear...

Sentiu a mulher dar-lhe repetidas pancadinhas nas mãos, a chamá-la pelo nome, ouviu a voz de Accolon, e sentiu que ele pegava nela nos braços e a levava. Não se moveu, nem falou. Não podia. Deixou que a deitassem na cama e lhe trouxessem um pouco de vinho para a reanimar, sentiu-o escorrer-lhe pela garganta e quis dizer que estava bem, que a deixassem, mas ouviu-se emitir um grunhido assustado e decidiu ficar calada, tomada pela maior agonia, sabendo que tinha de sofrer primeiro as agonias da morte para depois ser libertada, por essa morte, pela Grande Porca... E mesmo enquanto continuava ali deitada, cega, em transe, angustiada, ouvia a trompa dos caçadores e sabia que estavam a trazer Avalloch para casa, morto, deitado em cima do cavalo, ferido de morte pelo javali fêmea que o tinha atacado, momentos depois de ele ter matado o seu companheiro... E ele, por sua vez, matara o javali fêmea... Morte, sangue, renascimento e o fluxo da vida para dentro e para fora da floresta, como o movimento para dentro e para fora da lançadeira...

Haviam-se passado algumas horas. Continuava a não poder mexer um músculo sem sentir dores terríveis e dilacerantes. Mas quase as agradecia. *Não ficarei completamente livre das consequências desta morte, mas as mãos de Accolon estão limpas...* Levantou o olhar para os olhos dele. Estava debruçado sobre ela, olhando-a com preocupação e receio e, por um momento, encontravam-se a sós.

— Já sois capaz de falar, meu amor? — perguntou ele, em voz baixa. — Que foi que aconteceu?

Ela limitou-se a abanar a cabeça, sem poder falar. Mas o toque das mãos dele era suave e sabia-lhe bem. *Sabes que o fiz por ti, meu querido?*

Ele baixou-se e beijou-a. Nunca saberia como tinham estado perto de serem desmascarados e derrotados.

— Tenho de voltar para junto do pai — disse ele, com meiguice e perturbado. — Ele chora, e diz que se eu tivesse ido também, o meu irmão não teria morrido. Há de culpar-me sempre por isso. — Pousou nela, com insistência, os olhos escuros, com uma sombra de inquietação. — Fostes vós quem me ordenou que não fosse — disse. — Sabíeis o que ia acontecer, pela vossa magia, minha adorada?

Ela encontrou ainda um fio de voz para lhe responder, no meio das dores que lhe causava a garganta ferida:

— Foi a vontade da Deusa, para que Avalloch não destruísse o que fizemos aqui.

Conseguiu, com dores terríveis, mover um dedo, contornando o desenho da serpente tatuada na mão que lhe aflagava a face.

A expressão dele alterou-se, tornando-se subitamente aterrada.

— Morgaine! Tivestes qualquer parte nisto?

Ah! Eu já devia calcular a maneira como ele me iria encarar se soubesse...

— Como podes perguntá-lo? — sussurrou ela. — Estive todo o dia no salão, a tecer, bem à vista de Maline, dos criados e das crianças... Foi a vontade Dela e obra Dela, não minha.

— Mas sabíeis, não sabíeis?

Devagar, com os olhos a encherem-se-lhe de lágrimas, ela fez que sim com a cabeça; ele curvou-se e beijou-a nos lábios.

— Assim seja. Foi a vontade da Deusa — disse ele, afastando-se.



Havia no bosque um local onde as águas de um regato se alargavam entre rochas, formando uma lagoa funda. Morgaine estava aí sentada, em cima de uma rocha lisa a olhar para a água, e fez sinal a Accolon para que se sentasse a seu lado. Ali, ninguém podia vê-los, a não ser os do antigo povo pequenino, e esses nunca trairiam a sua rainha.

— Meu querido, em todos estes anos em que temos trabalhado juntos... diz-me, Accolon, o que pensas que estamos a fazer?

— Senhora, tenho-me contentado em saber que tendes um objetivo — disse ele — e não vos faço perguntas. Se tivésseis querido apenas um amante — levantou os olhos para ela e estendeu a mão à procura da sua —, teria havido outros além de mim, mais adequados para tais brincadeiras... Amo-vos Morgaine, e tenho-me sentido... feliz e honrado por me terdes escolhido, nem que fosse só pelo companheirismo e pela ternura; mas não foi isso que me atraiu para vós, sacerdote para sacerdotisa.

Hesitou e deixou-se ficar sentado, remexendo com a ponta da bota na areia a seus pés. Finalmente, prosseguiu:

— Também me ocorreu que havia em tudo isto outro objetivo, além do de uma sacerdotisa que quer reimplantar no seu país os antigos rituais, e da vossa necessidade de invocardes sobre nós as fases da Lua. Tenho-me sentido feliz por vos ajudar e por compartilhar o culto convosco, senhora. Tendes sido, realmente, senhora deste país, sobretudo para o povo antigo, que vê em vós a face da Deusa. Durante algum tempo pensei que era apenas isso, que fôramos chamados a restaurar aqui o culto antigo. Mas agora,

vem-me à ideia, não sei bem porquê — tocou nas serpentes que se enrolavam em volta dos seus pulsos —, que por força disto, estou ligado por juramento a esta terra, para sofrer por ela, e talvez até por ela morrer, se necessário for.

Tenho-o usado, pensou Morgaine, tão impiedosamente quanto Viviane me usou a mim...

— Sei perfeitamente — disse ele — que, desde há mais de cem anos, nem uma só vez foi exigido o sacrifício antigo. Contudo, quando estas — e mais uma vez tocou as serpentes dos pulsos com o dedo — me foram postas, ocorreu-me que talvez viesse a ser eu aquele que a Senhora iria chamar para cumprir o antigo sacrifício. Com o decorrer dos anos, passei a encarar o assunto apenas como uma fantasia de rapazinho. Mas se tiver de morrer... — e a voz quebrou-se-lhe como a suave ondulação das águas na lagoa. Estava tudo muito quieto. Podia ouvir-se o ruído seco de um qualquer inseto escondido entre as ervas. Morgaine nada disse, embora pudesse sentir o medo dele. Ele tinha de ultrapassar, sem ajuda, as barreiras do medo, tal como ela tivera de fazer... ou Arthur, ou Merlim, ou qualquer outro que chegasse até àquela última prova. E se tivesse de passar pela prova final, tinha de ir ao seu encontro de livre vontade.

Por fim, ele perguntou:

— É-me então exigido que morra, senhora? Tinha pensado que... se era necessário um sacrifício de sangue, então, quando Avalloch pereceu... — Viu-lhe os músculos da face mexerem-se. Ele cerrou os dentes com força e, depois, engoliu com dificuldade. Ela continuou calada, embora o coração lhe doesse, com dó. Por uma razão qualquer, ouviu em espírito a voz de Viviane: *Vai chegar o dia em que me hás de odiar tanto quanto me amas agora...* E mais uma vez se sentiu inundada por uma torrente de amor e de dor. Contudo, procurou reagir friamente. Accolon era mais velho do que fora Arthur quando tivera de se pôr à prova para se tornar rei. E, embora Avalloch tivesse realmente sido um sacrifício de sangue, derramado pela Deusa, nenhum sangue podia redimir outro sangue, nem podia a morte de Avalloch libertar o irmão da obrigação de encarar a sua própria morte.

Por fim, Accolon soltou um suspiro profundo.

— Assim seja... Já muitas vezes encarei a morte em batalhas. Jurei-lhe, a Ela, fidelidade até à morte e não faltarei ao meu juramento. Podeis dizer-me qual é a vontade Dela, senhora.

Então, finalmente, ela estendeu-lhe a sua mão e agarrou na dele.

— Não creio que seja a vida que te é exigida, e muito menos no altar do sacrifício. No entanto, a prova é necessária, e a morte está sempre por perto nesse caso. Serve-te de consolo saberes que também eu tive de a encarar

da mesma maneira? Contudo, estou aqui agora, a teu lado. Diz-me, fizeste juramento, de homem para homem, a Arthur?

— Não; não sou um dos Companheiros dele — disse Accolon. — Uwaine, como vistes, fez-lhe juramento, mas eu não, embora tenha combatido de bom grado, e por várias vezes, entre as suas hostes.

Morgaine ficou satisfeita com a resposta, embora soubesse que até um Companheiro que tivesse feito o juramento ela usaria, se necessário, contra Arthur.

— Escuta, meu querido — disse ela. — Arthur traiu Avalon por duas vezes; e só por Avalon é que um rei pode reinar em todo este país. Procurei muitas e muitas vezes recordar a Arthur o juramento que um dia fez. Mas ele não me deu ouvidos e guarda ainda, com todo o orgulho, Excalibur, a espada do Sagrado Regalia, e com ela a bainha mágica que confecionei para ele.

Viu-o empalidecer.

— Pensais realmente... em destronar Arthur?

— Não propriamente. Não; a menos que ele continue a recusar manter e respeitar o seu juramento — disse Morgaine. — Contudo, dar-lhe-ei ainda todas as oportunidades para ele se tornar naquilo que jurou ser. E o filho de Arthur não está ainda maduro para o desafio. Não és nenhum rapazinho, Accolon, e estás treinado para ser rei, não druida, a despeito *disto*... — e pousou um dedo esguio nas serpentes dos pulsos dele. — Portanto, Accolon de Gales, diz-me: se todas as outras hipóteses falharem, serás tu campeão de Avalon, e desafiarás o traidor por essa espada que ele mantém em seu poder?

Accolon inspirou profundamente.

— Desafiar Arthur? Foi bem a propósito terdes perguntado, Morgaine, se estou preparado para morrer — disse ele. — E falais comigo por enigmas. Não sabia que Arthur tinha um filho.

— O filho dele é um filho de Avalon e das fogueiras da primavera — disse Morgaine.

Pensou para consigo que já há muito ultrapassara o sentimento de vergonha que aquilo lhe causava. *Sou uma sacerdotisa; não tenho de dar contas a nenhum homem daquilo que tenho de fazer.* Mas não conseguiu encarar Accolon de frente.

— Escuta-me; vou contar-te tudo.

Ele ficou sentado, em silêncio, enquanto ela lhe contava como Arthur fora feito rei na Ilha do Dragão, e o que tinha acontecido a seguir; mas quando lhe contou como fugira de Avalon e dera à luz Gwydion, ele estendeu a mão e encerrou, nos seus, os dedos esguios de Morgaine.

— Ele já passou pela sua prova — prosseguiu Morgaine —, mas é jo-

vem e inexperiente. Ninguém pensou que Arthur iria trair o seu juramento. Arthur também era jovem. Foi proclamado rei quando Uther estava velho e a morrer e os homens procuravam por toda a parte um rei da linhagem de Avalon. Agora, a estrela de Arthur está alta e é grande a sua fama; nem que tivesse todo o poder de Avalon por detrás, Gwydion nunca seria capaz de desafiar com êxito Arthur pelo seu trono.

— Mas então, como é que pensais que eu posso desafiar Arthur e tirar-lhe a espada Excalibur, sem ser imediatamente abatido pelos seus homens? — disse Accolon. — Não há sítio nenhum neste mundo onde eu possa desafiá-lo sem que ele vá sem escolta.

— É verdade — disse Morgaine —, mas não precisas de o desafiar neste mundo. Existem outras esferas que não estão de modo algum dentro deste mundo. É por meio delas que poderás arrancar-lhe Excalibur, a cuja posse já perdeu qualquer sombra de direito, assim como a bainha mágica que o protege de todo o mal. Uma vez desarmado, não é mais do que um homem comum. Já vi Companheiros dele — Lancelet, Gawaine, Gareth — desarmá-lo, nos jogos simuladores de batalhas. Sem a sua espada, Arthur é uma presa fácil. Não é o maior dos guerreiros, nem tão-pouco precisa de o ser, com aquela espada e aquela bainha. E uma vez morto...

Teve de fazer uma pausa para recuperar firmeza na voz, sabendo que estava a incorrer na maldição de assassino de parente, aquela mesma maldição que hesitara fazer cair sobre Accolon quando Avalloch morrerá.

— Uma vez morto Arthur — repetiu por fim, com voz firme —, sou a pessoa mais próxima do trono, além da sua irmã. Governarei como Senhora de Avalon e tu como meu consorte e duque da guerra. A verdade é que, quando chegar a tua altura, também tu serás desafiado e derrubado como Rei Veado... Mas antes de esse dia chegar, terás os teus dias como rei, a meu lado.

Accolon suspirou.

— Nunca pensei em ser rei. Mas se assim o exigis, senhora, terei de obedecer à vontade Dela... e à vossa. No entanto, desafiar Arthur para lhe arrebatá-la espada...

— Não quis dizer que tivesses de o fazer sem contar com todo o auxílio que me for possível dar-te. Para que outra coisa fui ensinada durante todos estes anos nas artes mágicas, e para que fiz de ti o meu sacerdote? Há alguém, maior do que eu, que nos ajudará na tua prova.

— Estais a falar dessas «esferas» mágicas? — perguntou Accolon, quase num murmúrio. — Não vos compreendo.

Isso não me surpreende. Eu própria não sei o que tenciono fazer, nem aquilo que digo, pensou Morgaine; mas reconheceu aquela estranha sensação de obscuridade que aumentava no seu espírito, em que os pensa-

mentos ficavam envoltos numa nuvem, como naquele estado em que a magia mais poderosa acontecia. *Devo confiar na Deusa, e deixá-La guiar-me. Não apenas a mim, mas àquele que está a meu lado, e que arrebatará a espada das mãos de Arthur.*

— Confia em mim e obedece.

Levantou-se, movendo-se através da floresta em passos silenciosos, à procura de... de que é que ela estava à procura? Fez a pergunta e ouviu a sua voz distante e estranha.

— Há aveleiras nesta floresta, Accolon?

Ele fez que sim com a cabeça, e ela seguiu-o até um bosque de árvores que, naquela altura, apenas começavam a revestir-se de folhinhas e flores. Os porcos selvagens que por ali tinham andado a refocilar haviam comido os frutos todos; no chão da floresta, onde as folhas caídas formavam um denso tapete, viam-se fragmentos de cascas. No entanto, novos rebentos brotavam já, virados para a luz, mostrando as jovens árvores que iriam crescer para que a vida na floresta nunca acabasse.

Flor, frutos, semente. E todas as coisas regressam, crescem e surgem à luz; por fim, desistem dos seus corpos e entregam-nos de novo à guarda da Senhora. Mas Ela, que trabalha sozinha e silenciosa no coração da natureza, não pode consumir a Sua magia sem a força Dele, daquele que corre como o veado e que, com o Sol do verão, fecunda a riqueza do seu útero. Por baixo da aveleira, olhou para Accolon e, enquanto parte do seu espírito sabia que aquele homem era o seu amante, o sacerdote que ela escolhera, soube também que ele consentira em sujeitar-se a uma prova que estava acima do que ela podia outorgar sozinha.

Ainda antes de os romanos terem chegado àquelas colinas em busca do estanho e do chumbo, já o bosque de aveleiras era tido como um lugar sagrado. Na orla do bosque havia uma lagoa que ficava debaixo de três árvores sagradas: uma aveleira, um salgueiro e um amieiro — numa magia mais antiga do que o carvalho. A superfície da lagoa estava um bocado conspurcada, com pauzinhos secos e folhas, mas a água era limpa e escura, castanha, como o castanho-claro da floresta, e viu refletido nela o seu próprio rosto, quando se curvou; mergulhou uma mão na água e levou-a à testa e aos lábios. Viu então que a face refletida estremecia e se alterava, e viu os olhos profundos e estranhos de uma mulher pertencente a um outro mundo mais antigo. E alguma coisa dentro de si gelou de terror perante aquilo que viu naqueles olhos.

O mundo alterara-se subitamente em volta deles — ela pensara que aquele país estranho e antigo ficava junto das fronteiras de Avalon e não ali, em zonas remotas de Gales do Norte. No entanto, silenciosamente, uma voz falou no seu espírito: *Eu estou em toda a parte; por isso, onde a aveleira*

se reflete na lagoa sagrada, aí estou também. Ouviu Accolon arfar de assombro e terror e voltou-se, vendo então que a Senhora do País das Fadas estava junto deles, de pé, muito direita, silenciosa, nas suas vestes brilhantes, com a coroa de vime simples e seco na cabeça.

Fora ela quem falara, ou a Senhora?

Existem outras provas, além do da corrida dos veados... De súbito, foi como se soasse uma trompa, longínqua e fantasmagórica, pelo bosque de aveleiras (ou já não estariam lá?). Então, as folhas levantaram-se e rodopiaram, movidas por uma súbita ventania que fazia os troncos agitarem-se e estalarem, e um arrepio de medo percorreu o corpo de Morgaine.

Ele está a chegar...

Devagar, com relutância, virou-se e viu que já não estavam sozinhos no bosque. Na orla de terreno entre os dois mundos, lá estava ele...

Morgaine nunca perguntou a Accolon o que é que ele tinha visto... Ela viu apenas a sombra dos chifres, as folhas brilhantes douradas e vermelhas no sítio onde ele estava de pé, num bosque enfeitado com os primeiros rebentos dourados da primavera, de olhos escuros... Já uma vez se deitara com ele num chão de floresta como aquele, mas desta vez não viera por ela, sabia-o. Agora, ela, e até mesmo a Senhora, deviam desviar-se. Os passos dele, leves, por cima das folhas, ainda provocavam de certa forma o vento, que continuava a lançar correntes de ar pelo bosque, fazendo esvoaçar os seus longos cabelos e o manto. Era alto e moreno e parecia simultaneamente estar vestido com os trajes mais ricos e só ter o corpo coberto por folhas; ao mesmo tempo, ela seria capaz de jurar que a sua pele brilhava, macia e nua, diante dos olhos deles. Fez um gesto, levantando uma mão esguia e, como que atraído por uma força irresistível, Accolon começou a avançar para ele, devagar... E, ao mesmo tempo, era a ele próprio que ela via coroado e vestido de folhas, com chifres, brilhando na luz estranha e imóvel da irrealidade. Morgaine sentiu-se fustigada, batida e açoitada pelo vento; no bosque, sabia-o, estavam formas e faces que ela não conseguia ver claramente; a prova não era para ela, mas sim para o homem que estava a seu lado. Parecia-lhe ouvir gritos e o soar da trompa; estariam os cavaleiros no ar, ou o ribombar dos cascos das suas cavalgaduras no chão da floresta, parecendo o troar do trovão, existia apenas no seu pensamento? Sabia que Accolon já não estava a seu lado. Deixou-se ficar, abraçada com força ao tronco da aveleira e com a face escondida; não soube, nem nunca viria a saber (pois não era para ela saber), como Accolon fora feito rei... Não estava no seu poder fazê-lo, ou saber como fora feito. Invocara os poderes de O-Dos-Chifres através da Senhora, e ele partira para onde não podia segui-lo.

Nunca soube por quanto tempo ali ficou, agarrada ao tronco da aveleira, com a testa dolorosamente comprimida contra a casca da árvore... De

súbito, o vento parou e Accolon estava de novo junto dela. Ficaram quietos, lado a lado, sozinhos no bosque de aveleiras, ouvindo apenas o rugido surdo do trovão que vinha de um céu escuro e sem nuvens, onde o Sol era um aro brilhante que parecia metal em brasa por detrás do disco escuro da Lua, e onde as estrelas ardiam sobre o véu de uma noite que ainda não caíra. Accolon tinha um braço em volta dos seus ombros. Sussurrou:

— O que é isto, o que é isto?

— É um eclipse.

A sua voz estava mais calma do que pudera supor. Sentiu que o bater do coração voltava ao ritmo normal, pelo contacto com o braço dele, quente e vivo, que a abraçava. Sentia de novo o chão bem sólido debaixo dos pés, a terra firme do bosque de aveleiras e, quando olhou para a lagoa, avistou fragmentos de galhos partidos pelo vento misterioso que assolara o bosque. Algures, um pássaro queixou-se da súbita escuridão, e aos pés deles surgiu um porquinho selvagem, cor-de-rosa, que refocilou, contente, na amálgama de folhas mortas. Depois, a luz começou sorratamente a brilhar com tanta intensidade que ela pôde ver a sombra a afastar-se do Sol. Viu que Accolon estava a olhar para a luz e disse, rapidamente:

— Desvia os olhos. Podes ficar cego, agora que a escuridão desapareceu!

Ele engoliu em seco, e baixou os olhos para ela. Tinha o cabelo despenteado por um vento que não era deste mundo, e, presa nos cabelos, estava uma folha vermelha que fez Morgaine estremecer, enquanto se mantinham os dois debaixo do carvalho coberto de botões que mal tinham começado a abrir.

Ele disse, num sussurro:

— *Ele* já se foi... *e ela*... ou éreis vós? Morgaine, aquilo aconteceu? Alguma parte daquilo foi real?

Morgaine, olhando para a sua face assombrada, viu-lhe nos olhos algo de completamente novo — o toque do sobrenatural. Estendeu a mão e tirou-lhe a folha vermelha do cabelo, estendendo-lha.

— Tu, que usas as serpentes... precisas de perguntar?

— Ah...

Viu-o ser todo percorrido por um estremecimento. Com um gesto selvagem, arrancou-lhe a folha vermelha da mão, deixando-a cair silenciosamente em cima do solo da floresta e disse, arquejando:

— Pareceu-me que andei lá no alto, por cima do mundo, e que coisas que nenhum mortal pode ver...

Subitamente, agarrou-a e começou a arrancar-lhe as vestes com uma urgência cega, derrubando-a por terra. Ela deixou-o fazer o que quis e ficou deitada, atónita, no chão húmido, enquanto ele a penetrava furiosamente, subjugado por uma força que lhe era difícil compreender. Tinha a sensação,

enquanto se deixava ficar deitada, vencida por aquela força avassaladora, de que a face dele estava de novo sombreada por chifres ou por folhas vermelhas. Ela não tinha parte ativa naquilo; era apenas a terra passiva sob a chuva e o vento, o trovão e o relâmpago, e foi como se um raio a atingisse, a atravessasse e se fosse perder na terra por baixo dela...

Depois, a escuridão desapareceu, e com ela as estranhas estrelas que luziam durante o dia; as mãos de Accolon, ternas e apologéticas, ajudaram-na a pôr-se de pé e a compor o vestido em desordem. Ele curvou-se para a beijar e gaguejou uma tentativa de explicação, uma desculpa, mas ela sorriu e pousou-lhe um dedo sobre os lábios.

— Não, não... Basta...

O bosque estava de novo silencioso, e à volta de ambos ouviam-se apenas os ruídos normais de um dia calmo.

Ela disse, suavemente:

— Temos de regressar, meu amor. Vão dar pela nossa falta, e é capaz de estar toda a gente aos gritos por causa do eclipse, como se se tratasse de qualquer estranha maravilha da natureza.

Sorriu ao de leve. Vira qualquer coisa de muito mais estranho do que um eclipse, nesse dia. Sentia, na sua mão, a mão de Accolon sólida e fria.

Enquanto caminhavam, ele segredou:

— Não sabia que... sois parecida com ela, Morgaine...

Mas eu sou Ela. Morgaine não o disse em voz alta. Ele era um iniciado. Talvez devesse estar mais bem preparado para aquela prova. No entanto, tinha-o feito como era devido, e fora aceite por algo que ficava acima dos pequenos poderes dela.

Subitamente, sentiu um calafrio e virou-se para olhar para o seu rosto, sorridente e tão querido. Fora aceite. Mas isso não queria dizer que iria triunfar; queria apenas dizer que ele podia tentar a prova final de que aquilo fora apenas o começo.

Não me senti assim quando, como Donzela da Primavera, enviei Arthur (que eu não sabia quem era) para a sua prova. Ah, Deusa, como eu era jovem então, como éramos ambos jovens... misericordiosamente jovens, pois não sabíamos o que fazíamos. Mas agora já sou suficientemente adulta para saber o que estou a fazer; como hei de ter coragem para o mandar fazer frente à morte?

Na véspera de Pentecostes, Arthur e a sua rainha convidaram os hóspedes aparentados com o trono para jantarem com eles em privado. No dia seguinte teria lugar o grande banquete oferecido a todos os reis súbditos de Arthur e aos seus Companheiros, mas Gwenhwyfar, enquanto se vestia cuidadosamente, sentia que agora é que iria enfrentar a grande prova. Há muito que tinha aceitado o inevitável. No dia seguinte, o seu marido e senhor iria tornar público, e portanto irrevogável, o facto que já há muito era conhecido: no dia seguinte, Galahad seria armado cavaleiro e nomeado Companheiro da Távola Redonda. Oh! Havia anos que o sabia, sim, mas então Galahad era apenas um rapazito de cabelos loiros que ia crescendo algures nas terras do rei Pellinore. Ocasionalmente, quando pensava nisso, até sentia um certo prazer. O filho de Lancelet e da sua própria prima, Elaine, falecida em trabalho de parto, era um herdeiro aceitável para o rei. Mas agora via nele uma censura viva a uma rainha que ia envelhecendo, e cuja vida não dera fruto.

— Estás triste — disse Arthur, observando a cara dela, enquanto punha a pequena coroa sobre os cabelos. — Desculpa, Gwenhwyfar, pensei que esta seria a melhor maneira de ficar a conhecer o pequeno, o que é necessário, se é ele que me vai substituir no trono. Deverei dizer às pessoas que estás adoentada? Não precisas de aparecer... Podes conhecê-lo numa outra ocasião qualquer.

— Tanto faz agora como mais tarde — respondeu Gwenhwyfar, de lábios semicerrados.

— Não vejo Lancelet com muita frequência — disse ele, pegando-lhe na mão. — Vai ser bom voltar a falar com ele.

A boca dela desenhou aquilo que soube não ser o sorriso que tentara fazer.

— Pergunto-me como encarais o caso... Não o odiais? — Arthur sorriu, pouco à vontade.

— Éramos todos tão jovens. Parece que tudo se passou num outro mundo, e Lance é apenas o meu mais querido e mais velho amigo, quase meu irmão, como Cai.

— Cai também é vosso irmão — disse Gwenthwyfar — e o filho dele, Arthur, é um dos vossos cavaleiros mais leais. Dá-me a impressão de que seria um herdeiro melhor do que Galahad...

— O jovem Arthur é um bom homem e um companheiro de toda a confiança. Mas o sangue de Cai não é de linhagem real. Deus sabe como, em todos estes anos, desejei muitas vezes que Ectorius fosse efetivamente o meu verdadeiro pai... Mas não era, e não se fala mais nisso, Gwen.

Depois de um momento de silêncio, prosseguiu, hesitante. Nunca tinha falado naquilo, desde aquele outro terrível Pentecostes. Disse:

— Ouvi dizer que... que o outro rapaz, o filho de Morgaine... está em Avalon.

Gwenthwyfar levantou uma das mãos, como que para se defender de uma bofetada.

— Não!

— Arranjarei as coisas de maneira a que nunca tenhas de te encontrar com ele — disse, sem olhar para ela. — Mas sangue real é sangue real, e é preciso que se faça qualquer coisa por ele. Não pode suceder-me no trono; os padres nunca o consentiriam...

— Oh! — disse Gwenthwyfar. — Se os padres o consentissem, presumo que proclamaríeis vosso herdeiro o filho de Morgaine...

— Haverá até quem pergunte porque é que o não é — disse Arthur. — Queres que lhes explique o motivo?

— Nesse caso, devíeis mantê-lo afastado da corte — disse Gwenthwyfar, pensativa. *Não sabia que a minha voz era tão ríspida quando me zangava.*

— Que lugar pode ter nesta corte uma pessoa que foi educada em Avalon como druida?

— O Merlim da Bretanha — respondeu ele, asperamente — é um dos meus conselheiros e sempre o foi, Gwen. Aqueles que confiam em Avalon também são meus súbditos. Está escrito: «Tenho outras ovelhas que não pertencem a este rebanho...»

— Acho que isso é um gracejo blasfemo — disse Gwenthwyfar, ten-

tando dar à voz um tom mais suave —, e muito pouco próprio para uma véspera de Pentecostes...

— Antes do Pentecostes, houve sempre o solstício de verão, meu amor — disse Arthur. — Pelo menos, agora já não se acendem as fogueiras do solstício, nem mesmo na Ilha do Dragão, ou, tanto quanto saiba, em nenhum lugar que fique a três dias de caminho de Camelot... Exceto na própria Avalon.

— Estou certa de que os padres puseram guardas na ilha de Glastonbury — disse Gwenhwyfar —, para que não haja entradas e saídas dessa terra...

— Seria um triste dia, aquele em que viesse a perder-se para sempre — disse Arthur. — Assim como é triste para o povo dos campos ver-se privado dos seus festivais... O povo das cidades, esse, talvez não sinta a necessidade dos velhos rituais. Oh, sim, bem sei que existe apenas um nome debaixo dos céus pelo qual podemos ser salvos, mas aqueles que vivem numa comunhão tão profunda com a terra precisam de algo mais do que a salvação...

Gwenhwyfar ia começar a responder, mas depois decidiu ficar calada. Kevin já não era mais do que um velho druida aleijado e disforme, e o tempo dos druidas parecia-lhe agora tão afastado como o tempo dos romanos. Além disso, Kevin era mais conhecido na corte como harpista soberbo do que como Merlim da Bretanha. Os padres não o reverenciavam como homem bom e afável, como em tempos tinham feito com Taliesin. A língua de Kevin era rápida e pouco amável num debate. No entanto, os conhecimentos que tinha sobre os antigos costumes e sobre a lei comum eram ainda maiores do que os de Arthur e este habituara-se a ir ter com ele quando surgia uma questão relacionada com assuntos dessa natureza.

— Se não se tratasse de uma festa estritamente familiar, ordenaria ao Merlim que tocasse para nós esta noite.

Arthur sorriu e disse:

— Posso mandar alguém pedir-lho, se quiseres, mas uma música como a dele não é coisa que alguém possa exigir, nem um rei. Posso convidá-lo para jantar à nossa mesa, e depois pedir-lhe que nos honre com uma canção.

— Com que então — disse ela, correspondendo ao seu sorriso — o rei *pede* a um súbdito, em vez de ser ao contrário?

— Em tudo tem de existir um equilíbrio — disse ele. — Foi uma das coisas que aprendi no meu cargo: em algumas coisas, um rei não pode ordenar, mas sim pedir. Talvez fosse por isso que os Césares caíram, porque se deixaram levar por aquilo a que o meu tutor costumava chamar *hubris*, pensando que podiam ordenar para além do que é a esfera de poder legíti-

ma de um rei... Bem, minha senhora, os nossos convidados esperam-nos. Já estás suficientemente bela?

— Lá estais de novo a troçar de mim — disse ela. — Sabeis que idade tenho?

— És apenas um nadinha mais velha que eu — disse Arthur — e o meu camareiro diz-me que eu ainda sou um belo homem.

— Oh, mas isso é diferente. Os homens não envelhecem tanto como as mulheres. — Olhou para a cara dele, onde os anos apenas tinham traçado algumas rugas ligeiras — um homem na flor da idade.

— Acho que nem me ia ficar bem — disse ele, pegando-lhe na mão — ter a meu lado, como minha rainha, uma rapariguinha. Tu é que estás bem para mim. — Dirigiram-se para a porta; o camareiro aproximou-se e falou-lhes em voz baixa. Arthur virou-se para Gwenthwyfar.

— Haverá outros convivas à nossa mesa. Gawaine mandou dizer que a mãe dele chegou e, portanto, não temos outro remédio senão convidar também Lamorak, uma vez que é consorte dela e companheiro de viagem. E o rei Uriens e Morgaine, com os seus filhos...

— Estou a ver que vai ser mesmo uma reunião de família...

— Sim, com Gareth e Gawaine; Gaheris está na Cornualha e Agravaine não pôde deixar Lothian — disse Arthur; e Gwenthwyfar sentiu-se magoada por uma antiga ferida... Lot de Lothian tivera tantos filhos!

— Bem, minha querida, os convidados estão reunidos no salão pequeno. Vamos ter com eles?

O grande salão da Távola Redonda era o domínio de Arthur — um lugar de homens, onde se encontravam guerreiros e reis. Mas o salão pequeno, com os cortinados que ela encomendara e fizera vir da Gália, as mesas em cima de suportes e os respetivos bancos, era onde Gwenthwyfar se sentia mais rainha. Estava a ficar cada dia mais míope; a princípio, embora ainda houvesse muita luz, apenas viu as riscas de cores dos vestidos das senhoras e dos brilhantes trajes domésticos dos homens. A enorme figura adiante, com muito mais de um metro e oitenta e um grande tufo de cabelos cor de areia, era Gawaine. Aproximou-se para fazer uma vénia diante do rei e depois, erguendo-se, apertou o primo num grande abraço. Gareth seguiu-o, mais modestamente, e Cai aproximou-se para dar uma palmada no ombro de Gareth, chamando-lhe «Bonito» à moda antiga, e inquirindo sobre o seu rancho de filhos, ainda demasiado jovens para vir à corte. Segundo ele disse, Lady Lionors estava ainda de cama depois do último parto e ficara no castelo, a norte da muralha romana.

Era o oitavo ou o nono? Gwenthwyfar apenas vira Lady Lionors duas vezes porque, segundo Gareth dizia, ela estava sempre prestes a dar à luz, ou a acabar de o fazer, ou ainda a amamentar o último rebento. Gareth já não

era um menino bonito, mas continuava a ser o belo homem que sempre fora e, como Arthur, Gawaine e Gareth iam ficando mais velhos; a semeança entre todos era cada vez maior.

Gareth foi abraçado por um homem esbelto, com cabelos escuros e encaracolados já ostentando fios de prata, e Gwenhwyfar mordeu o lábio inferior; Lancelet não mudara absolutamente nada com os anos, exceto o ter ficado ainda mais belo.

Uriens parecia não tomar parte dessa mágica imunidade ao tempo. Parecia já realmente velho, embora continuasse direito e de aspeto forte. Tinha o cabelo todo branco, e ela ouviu-o dizer a Arthur que acabava de convalescer de uma febre pulmonar e que, na primavera, tinha enterrado o filho mais velho, morto por um javali fêmea.

— Então — disse Arthur —, um dia serás Rei de Gales do Norte, Sir Accolon? Bem, pois que assim seja, Deus dá e Deus tira, como vem nas Sagradas Escrituras.

Uriens ia curvar-se para beijar a mão de Gwenhwyfar, mas, em vez disso, ela adiantou-se e beijou-o na face. Ele estava vistosamente vestido de verde e tinha uma bela capa verde e castanha.

— A nossa rainha está cada vez mais nova — disse sorrindo, bem-humorado. — Poder-se-ia pensar que passastes algum tempo no País das Fadas, minha parente.

Gwenhwyfar riu.

— Nesse caso, talvez deva pintar rugas no rosto, para que os bispos e os padres não pensem que aprendi algum feitiço ou encantamento impróprios de uma senhora cristã. Mas tal gracejo é pouco próprio para a véspera de um dia sagrado. Bem, Morgaine — ao menos uma vez podia cumprimentar a cunhada com um gracejo —, pareces mais nova do que eu, e sei que és mais velha. Qual é o teu segredo?

— Não é segredo nenhum — respondeu Morgaine, na sua voz quente e suave. — Tenho tão pouco com que ocupar o espírito, naquele país do fim do mundo, que me parece que o tempo não passa ali e, possivelmente, é por isso que não envelheço.

Agora que a olhava mais de perto, Gwenhwyfar conseguia ver os ligeiros vestígios da passagem do tempo na face de Morgaine; a pele continuava suave e sem nada que a desfeasse, mas em volta dos olhos viam-se pequenas rugas, e as pálpebras pareciam um pouco mais pesadas. A mão que estendeu a Gwenhwyfar era esguia e ossuda, de maneira que os anéis pareciam largos de mais. Gwenhwyfar pensou: *Morgaine tem pelo menos mais cinco anos do que eu*. Subitamente, pareceu-lhe que não eram já duas mulheres de meia-idade, mas apenas duas jovens que se haviam conhecido em Avalon.

Lancelet avançara para cumprimentar primeiro Morgaine. Gwen-

hwyfar nunca pensara que podia ainda sentir-se dilacerada por aquela louca paixão e pelo ciúme... *Agora Elaine morreu... E o marido de Morgaine está tão velho que não parece poder viver outro Natal.* Ouviu Lancelet fazer um cumprimento qualquer, sorrindo, e Morgaine responder-lhe qualquer coisa, no seu riso suave e baixo.

Mas ela não olha para Lancelet como para um amante... Os seus olhos voltam-se para o príncipe Accolon... É um belo homem também... Bem, o marido tem o dobro da idade dela... Gwenthwyfar sentiu um forte impulso de virtude, desaprovando, portanto, a cunhada.

— Deveríamos ir para a mesa — disse ela, dirigindo-se a Cai. — Galahad tem de ir, à meia-noite, fazer a sua vigília de armas e, talvez, como muitos jovens, queira descansar um pouco antes disso, para não ter sono depois...

— Não terei sono, senhora — disse o jovem; e de novo Gwenthwyfar sentiu a mesma dor. Como gostaria que aquele jovem loiro fosse seu filho! Era alto, agora, de ombros largos, mais alto do que Lancelet, talvez. O seu rosto parecia brilhar, de lavado, e de uma tão calma felicidade!

— Isto é tudo tão novo para mim... Camelot é uma cidade tão bela; mal posso acreditar que seja real! E vim para aqui ter com o meu pai... Toda a vida a minha mãe me falou dele como se fosse um rei ou um santo, de qualquer forma acima dos outros mortais...

— Oh! Lancelet é perfeitamente mortal, Galahad — disse Morgaine —, e, se chegares a conhecê-lo bem, sabê-lo-ás.

Galahad curvou-se delicadamente diante de Morgaine, numa reverência.

— Lembro-me de vós — disse ele. — Viestes um dia, levastes convosco Nimue, a minha irmã, e a minha mãe chorou. Ela está bem, senhora?

— Há anos que a não vejo — disse Morgaine —, mas se ela não estivesse bem, eu sabê-lo-ia.

— Recordo-me apenas de me ter zangado convosco por me terdes dito que estava enganado acerca de tudo. Parecíeis muito certa, e a minha mãe...

— Não duvido que a tua mãe te tenha dito que sou uma feiticeira má. — Sorriu. *Presumida como uma gata*, pensou Gwenthwyfar ao ver o rubor que cobriu a face de Galahad. — Sabes, Galahad, não és o primeiro a pensar tal coisa de mim. — Enviou um sorriso também a Accolon; ele retribuiu-lho tão abertamente que Gwenthwyfar se sentiu chocada.

— E então, senhora: sois realmente uma feiticeira? — perguntou Galahad, abruptamente.

— Bem — respondeu Morgaine, de novo com um sorriso felino —, não duvido que a tua mãe tivesse razões para pensar isso de mim. Uma vez

que ela já não está viva, posso dizer-vos tudo... Lancelet, Elaine nunca vos disse como me pediu e suplicou que lhe fizesse um feitiço que levasse os vossos olhos a voltarem-se para ela?

Lancelet voltou-se para Morgaine, e Gwenhwyfar teve a impressão de que ele tinha a face tensa, contraída pela dor.

— Porquê gracejar com coisas passadas em tempos tão longínquos, minha parente?

— Oh, mas não é um gracejo — disse Morgaine. E, por um momento, ergueu os olhos de forma a encontrar os de Gwenhwyfar. — Pensei que já era tempo de parades de partir corações por todos os reinos da Bretanha e da Gália. Portanto, tratei de fazer esse casamento, e não o lamento, pois agora tendes um belo filho que é o herdeiro do reino do meu irmão. Se eu não tivesse interferido, teríeis continuado solteiro e a despedaçar os nossos corações... Não é verdade, Gwen? — acrescentou, audaciosamente.

Eu sabia. Mas nunca pensei que Morgaine o confessasse tão abertamente... Mas Gwenhwyfar usou do privilégio, que cabia à rainha, de mudar de assunto.

— Como vai a minha homónima, a tua pequenina Gwenhwyfar?

— Está prometida em casamento ao filho de Lionel — disse Lancelet — e será um dia Rainha da Bretanha Menor. O padre disse que o parentesco era demasiado próximo, mas que se conseguirá uma autorização. Paguei uma soma enorme à Igreja para que isso se fizesse, e Lionel também. A pequena tem apenas nove anos e o casamento não se fará senão daqui a mais de seis anos.

— E a tua filha mais velha? — perguntou Arthur.

— Está num mosteiro, Sir — respondeu Lancelet.

— Foi isso que Elaine vos disse? — perguntou Morgaine; e de novo os olhos lhe brilharam de malícia. — Está na terra da vossa mãe, em Avalon, Lancelet. Não sabíeis?

— É tudo a mesma coisa — disse ele, calmamente. — As sacerdotisas da Casa das Donzelas são muito parecidas com as monjas da Santa Igreja, vivendo em castidade e oração e servindo Deus à sua maneira. — Virou-se rapidamente para a rainha Morgause, que se aproximava deles. — Bem, tia, não posso dizer que o tempo não vos tocou, mas não há dúvida de que os anos vos trataram com suavidade.

Está tão parecida com Igraine! Apenas dei ouvidos aos gracejos maliciosos e também eu me ri dela, mas agora acredito que o jovem Lamorak esteja preso a ela por amor e não por ambição. Morgause era uma mulher grande e alta, com cabelos ainda abundantes e vermelhos, que caíam em tranças soltas sobre o vestido verde, um folgado traje de brocado de seda, bordado a pérolas e a fios de ouro. Sobre o penteado trazia uma coroa estreita, com

topázios que brilhavam sobre o cabelo. Gwenthwyfar estendeu os braços e beijou a parente, exclamando:

— Estais igualzinha a Igraine, rainha Morgause. Eu gostava muito dela, e ainda hoje penso nela muitas vezes.

— Quando era mais nova, tal afirmação ter-me-ia deixado louca de ciúmes, Gwenthwyfar... Sentia fúrias ao pensar que a minha irmã Igraine era mais bela do que eu e tinha tantos reis e senhores a seus pés. Agora, apenas recordo que era bela e simpática e fico feliz por saber que sou parecida com ela. — Voltou-se para beijar Morgaine, e Gwenthwyfar viu como Morgaine ficava perdida no amplexo daquela mulher tão corpulenta e como Morgause era muito mais alta... *Porque tive eu medo de Morgaine? Afinal de contas, não passa de uma coisinha que apenas é rainha de um reino insignificante...* Morgaine tinha um simples vestido de lã escura, e não trazia qualquer adorno, a não ser um cordão de prata em volta do pescoço e pulseiras de prata nos pulsos. Os cabelos, escuros e abundantes como sempre, estavam penteados com simplicidade, presos em tranças em volta da cabeça.

Arthur aproximara-se para beijar a irmã e a tia. Gwenthwyfar tomou nas suas a mão de Galahad e disse:

— Tens de vir sentar-te aqui, junto de mim, meu parente. — *Ah, sim, era este o filho que eu devia ter tido de Lancelet... ou de Arthur...* E prosseguiu, enquanto se sentavam: — E agora vieste conhecer melhor o teu pai. Será que descobriste, conforme Morgaine disse, que ele não é nenhum santo, mas apenas um homem adorável?

— Ah! Mas que outra coisa é um santo? — perguntou Galahad, com os olhos a brilhar. — Não posso pensar nele como sendo apenas um homem, senhora; acho que é certamente mais do que isso. É o filho de um rei, também, e tenho a certeza que, se escolhessem o melhor homem em vez do filho mais velho, era ele quem reinava na Bretanha Menor. Penso que um homem se pode considerar feliz quando o seu pai é também um herói — disse ele. — Tive algum tempo para conversar com Gawaine; ele desprezava o pai e tinha má opinião acerca dele, mas a mim nunca ninguém falou do meu pai senão com admiração!

— Espero, nesse caso, que vejas sempre nele um herói sem mácula — disse Gwenthwyfar. Colocara Galahad entre si e Arthur, como convinha ao herdeiro adotado para o reino; Arthur escolhera a rainha Morgause para se sentar a seu lado, com Gawaine depois, seguido de Uwayne, que era o amigo e protegido de Gawaine, tal como Gareth o havia sido de Lancelet quando eram mais novos.

Na mesa a seguir, estavam Morgaine e o marido e outros convidados; eram todos parentes, mas ela não lhes conseguia ver claramente as caras.

Estendeu o pescoço e franziu os olhos para conseguir ver melhor, mas logo se arrependeu, lembrando-se de que isso a tornava feia, e começou a massajar a ruga profunda que tinha entre as sobrancelhas. De súbito, perguntou a si mesma se o seu velho medo dos espaços abertos, quando era rapariga, não seria simplesmente uma consequência de ser tão míope? Teria receado ver o mundo tal qual ele era apenas porque não conseguia ver bem?

Perguntou a Arthur, por cima de Galahad (que estava a comer com o apetite devorador de um rapaz saudável ainda a crescer):

— Convidastes Kevin para jantar connosco?

— Sim, mas ele mandou dizer que não podia vir. Uma vez que não pode estar em Avalon, talvez guarde o dia sagrado à sua maneira. Também convidei o bispo Patricius, mas ele faz a vigília de Pentecostes na igreja... Vê-lo-ás lá à meia-noite, Galahad.

— Penso que ser proclamado rei deve ser um pouco como ser ordenado padre — disse Galahad com voz clara; houve uma pausa nas conversas que fez com que a sua voz juvenil se ouvisse de uma ponta à outra da mesa. — Em ambas as cerimónias se jura servir a Deus e aos homens e proceder de acordo com a justiça.

— Também senti algo parecido com isso, meu rapaz — disse Gareth. — Deus permita que o vejas sempre dessa maneira.

— Sempre desejei que os meus Companheiros fossem homens dedicados ao bem — disse Arthur. — Não lhes exijo que sejam homens santos, Galahad, mas tenho tido sempre esperança de que sejam homens *bons*.

— Talvez os jovens de agora possam viver num mundo onde seja mais fácil ser-se bom — disse Lancelet a Arthur. E Gwenhwyfar teve a impressão de que a sua voz estava impregnada de tristeza.

— Mas vós sois bom, pai — disse Galahad. — Em toda esta terra se diz que sois o maior dos cavaleiros do rei Arthur.

Lancelet teve um risinho embaraçado.

— Pois... Como aquele herói saxão que despedaçou o braço do monstro do lago. Os meus feitos e aventuras foram contados em canções, porque a verdade nua e crua não é suficientemente excitante para ser contada à lareira no inverno.

— Mas matastes um dragão, não foi? — perguntou Galahad.

— Oh, sim... E era realmente uma fera bem assustadora, creio eu. Mas o teu avô contribuiu tanto para essa morte quanto eu — disse Lancelet. — Gwenhwyfar, senhora minha, nunca se janta tão bem como à vossa mesa...

— Bem de mais — disse Arthur, alegremente, dando uma pancadinha na barriga. — Se houvesse festas destas com muita frequência, ficava tão gordo como aqueles reis saxões emborcadores de cerveja. Amanhã é o Pen-

tecostas, e vamos ter outra festa para ainda mais pessoas... Não sei como é que a minha senhora consegue tanto!

Gwenhwyfar sentiu um calor de satisfação e orgulho.

— A festa de hoje é que é minha; a de amanhã já é o orgulho de Sir Cai. Para essa, as reses já estão a ser assadas nas respetivas covas. Mas, meu Lord Uriens, não vos vejo comer carne...

Uriens abanou a cabeça.

— Uma asa de uma dessas aves, talvez. Desde que o meu filho foi morto, jurei que nunca mais comia carne de porco selvagem.

— E a vossa rainha, acompanha-vos no juramento? — perguntou Arthur. — Como sempre, Morgaine parece estar a jejuar... Não admira que sejas tão pequenina e tão frágil, minha irmã!

— Para mim, não é sacrifício deixar de comer carne de porco.

— Será que a tua voz continua suave como dantes, minha irmã? Uma vez que Kevin não pôde estar presente, talvez não te importes de cantar, ou tocar...

— Se me tivésseis dito que o desejáveis, não teria comido tão bem. Agora, não consigo cantar. Talvez mais tarde.

— Então tu, Lancelet — disse Arthur.

Lancelet encolheu os ombros e fez sinal a um dos criados para que lhe trouxesse a harpa.

— Kevin vai cantar para vós amanhã; eu não posso tentar substituí-lo. Mas fiz uma letra a partir de uma canção saxónica. Uma vez, disse que era capaz de viver com os saxões, mas não com aquilo a que eles chamam música. Mas quando estive na terra deles, no ano passado, ouvi esta canção e chorei ao ouvi-la; então, tentei humildemente transpô-la para a nossa língua.

Saiu do seu lugar e pegou na pequena harpa.

— É para vós, meu rei — disse ele —, porque fala da mesma dor que eu senti quando tive de viver tão longe desta corte e do meu senhor... Mas a música é saxónica. Antes disto, tinha pensado que as canções deles eram todas sobre guerra, batalhas e lutas...

Começou a tocar uma melodia suave e triste; os seus dedos não eram tão hábeis como os de Kevin, mas a canção melancólica tinha um poder próprio que, a pouco e pouco, todos fez calar. Cantou, com a voz rouca de um cantor sem treino:

*Qual a dor que se assemelha à dor de quem está só?
Em tempos, vivi na companhia do rei que tanto amava,
E o meu braço estava pesado com os anéis que ele me dava,
E o meu coração mais pesado ainda, com o peso do oiro do seu amor.
A face do rei é como o Sol para aqueles que o rodeiam,
Mas agora o meu coração está vazio*

*E eu vagueio sozinho pelo mundo.
Os bosques cobrem-se de flores,
As árvores crescem, e também a erva das campinas,
Mas o cuco, o mais triste dos cantores,
Chora o canto triste da solidão do exílio,
E agora também o meu coração anda à deriva,
Em busca daquilo que nunca mais voltarei a ver.
Todos os rostos são iguais para mim,
Já que não posso ver o do meu rei,
E todos os países são iguais para mim,
Já que não posso ver os lindos campos da minha terra.
Assim, vou erguer-me e seguir o meu coração no seu deambular
À procura das verdes campinas da minha terra.
Não consigo ver a face do meu rei,
E o peso no meu braço não passa de uma tira de ouro,
Já que o coração está vazio do peso do amor.
Assim continuarei errante e vagabundo,
Percorrendo a estrada dos peixes
E o caminho da grande baleia,
Para lá do país das vagas,
Sem que ninguém me acompanhe,
A não ser a recordação daqueles a quem amei...
As canções que canto são as de um coração que está cheio,
E tenho o lamento do cuco na memória.*

Gwenhwyfar baixou a cabeça para esconder as lágrimas. Arthur tinha a cabeça baixa, e cobria os olhos com as mãos. Morgaine olhava em frente com os olhos muito abertos, e Gwenhwyfar pôde ver os sulcos das lágrimas que lhe escorriam pela cara. Arthur levantou-se e deu a volta à mesa; abraçou Lancelot e disse, com voz insegura:

— Mas agora estás de novo com o teu rei e teu amigo, Lancelot.

A velha amargura apunhalou o coração de Gwenhwyfar: *Cantou o seu rei, não a sua rainha e o seu amor. O seu amor por mim nunca foi mais do que uma parte do seu amor por Arthur.* Fechou os olhos para não os ver abraçados.

— Foi muito belo — disse Morgause, docemente. — Quem podia pensar alguma vez que um rude saxão pudesse escrever música como essa... No fim de contas, deve ser obra de Lancelot...

— A música é deles — disse Lancelot abanando a cabeça. — E as palavras são apenas um pobre eco das originais...

Uma voz, que parecia o eco da de Lancelot, disse suavemente:

— É verdade que existem poetas e músicos entre os saxões, do mesmo modo que existem guerreiros, minha senhora.

Gwenhwyfar virou-se na direção da voz. Era um jovem vestido de escuro, esbelto, moreno, uma figura indistinta para a sua vista fraca. Mas a voz, suavizada pela pronúncia das terras do Norte, soava igualzinha à de Lancelet, com o mesmo timbre e o mesmo tom.

Arthur fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Eis que está sentado à minha mesa alguém que eu não conheço... e numa festa de família, não está certo. Pois não, rainha Morgause?

— Tencionava apresentar-vo-lo antes de irmos para a mesa — disse Morgause, levantando-se —, mas estáveis ocupado a falar com velhos amigos, meu rei. Este é o filho de Morgaine, que foi criado na minha corte, Gwydion.

O jovem aproximou-se e fez uma vénia profunda.

— Rei Arthur... — disse ele, com aquela voz quente que parecia um eco da de Lancelet.

Por um momento, uma alegria desorientada apossou-se de Gwenhwyfar. *Aquele* era o filho de Lancelet, com certeza, não de Arthur; mas depois recordou-se de que a tia de Morgaine, Viviane, era também a mãe de Lancelet.

Arthur abraçou o jovem. Disse, numa voz demasiado perturbada para se poder ouvir a três metros de distância:

— O filho da minha querida e adorada irmã será recebido como um filho na minha própria corte, Gwydion. Vem sentar-te a meu lado, meu rapaz.

Gwenhwyfar olhou para Morgaine. Viu que ela tinha manchas vermelhas na cara, tão vivas como se fossem pintadas, e mordida o lábio inferior com os pequeninos dentes aguçados. Nesse caso, pensou ela, Morgause não a tinha preparado para ver o filho ser apresentado ao próprio pai, ou por outra, ao rei. Não havia qualquer razão para se pensar que o rapaz fazia a mínima ideia de quem era o pai. No entanto, se alguma vez se tinha visto a um espelho, certamente seria levado a crer, apesar do que os outros pudessem dizer, que era filho de Lancelet.

E já não era um rapaz. Ao fim e ao cabo, devia estar perto dos vinte e cinco anos. Era um homem.

— O teu primo, Galahad... — disse Arthur; e Galahad, impulsivamente, estendeu-lhe a mão.

— És um parente mais chegado ao rei do que eu, primo. Tens mais direito do que eu a estar onde estou agora — disse, com espontaneidade juvenil. — Pergunto-me porque não me odeias!

— E como sabes que não te odeio, primo? — perguntou Gwydion, com um sorriso.

E, por um momento, Gwenthwyfar sentiu um sobressalto, até que depois viu o sorriso. Sim, era bem filho de Morgaine; tinha o mesmo sorriso felino que ela fazia por vezes! Galahad pestanejou, mas depois decidiu que se tratava de uma brincadeira. Gwenthwyfar podia seguir-lhe os pensamentos: *Será este filho do meu pai? Será que Gwydion é meu irmão bastardo, pela rainha Morgaine?* Pareceu magoado, como um cachorrinho cuja jovial oferta de amizade tivesse sido recusada.

— Não, primo — disse Gwydion. — O que estás a pensar não é verdade.

Gwenthwyfar pensou, com a respiração suspensa, que ele até tinha aquele súbito sorriso de cortar o fôlego igual ao de Lancelet, que lhe tornava a face morena e assaz sombria extraordinariamente brilhante, como se um raio de Sol tivesse surgido e provocado a transformação.

— Eu não estava... não disse que... — disse Galahad na defensiva.

— Não — disse Gwydion suavemente —, não *disseste* nada, mas o que estás a pensar é perfeitamente óbvio e é, aliás, o que todos nesta sala estão também a pensar.

Elevou um pouquinho a voz, aquela voz tão semelhante à de Lancelet, embora velada pelo suave sotaque do Norte.

— Em Avalon, meu primo, traçamos a nossa linhagem pela linha materna. Provenho da antiga linhagem real de Avalon e isso basta-me. Seria arrogância, para qualquer homem, reclamar-se pai do filho de uma Sacerdotisa Suprema de Avalon. Mas, é claro, como a maior parte dos homens, também eu gostaria de saber quem é o meu pai, e aquilo que pensaram já foi dito antes, ou seja, que sou filho de Lancelet. A semelhança que há entre nós já foi muito notada noutros sítios, especialmente entre os saxões, onde passei três anos a aprender a ser guerreiro — acrescentou. — A vossa reputação entre eles, Lord Lancelet, é ainda muito recordada! Já perdi a conta aos homens que me disseram que não era desgraça nenhuma ser filho bastardo de um homem como vós, Sir! — A risadinha baixa que soltou parecia um eco fantasmagórico do homem que estava à sua frente; o próprio Lancelet parecia perturbado e pouco à vontade. — Mas, por fim, tinha sempre de lhes dizer que o que estavam a pensar não era verdade. De todos os homens neste reino que podiam ter sido meus pais, há um que eu sei que não é meu pai. E assim, sentia-me na obrigação de os informar de que se trata apenas de uma parecença de família, nada mais. Sou teu primo, Galahad, não teu irmão. — Recostou-se preguiçosamente para trás na cadeira. — Será que te vai embaraçar demasiado o facto de toda a gente que nos vir pensar isso de nós? Afinal de contas, não podemos andar por aí a dizer a toda a gente a verdade!

Galahad parecia confuso.

— Eu não me teria importado se fosses realmente meu irmão, Gwydion.

— Mas, nesse caso, seria filho do teu pai e possivelmente também herdeiro do trono — disse Gwydion, sorrindo.

E, subitamente, Gwenthwyfar compreendeu que ele estava realmente a gozar com o desconforto das pessoas que se encontravam em volta da mesa. Era bem filho de Morgaine, quanto mais não fosse por aquele toque de malícia.

Morgaine disse, na sua voz grave, que se ouvia tão distintamente sem precisar de se elevar:

— Tão-pouco me teria desagradado a mim, Gwydion, se fosse Lancelot quem te tivesse dado a paternidade.

— Acredito que sim, senhora — disse Gwydion. — Perdoai-me, Lady Morgaine. Habituei-me sempre a tratar por mãe a rainha Morgause...

— Se te pareço uma mãe pouco verosímil — respondeu Morgaine a rir —, também tu me pareces um filho pouco verosímil. Estou grata a esta festa de família, Gwenthwyfar. Podia ter sido confrontada com o meu filho amanhã, na grande festa, sem estar prevenida.

Uriens disse então:

— Penso que qualquer mulher teria orgulho em ter um tal filho, e quanto ao teu pai, quem quer que ele tenha sido, meu jovem Gwydion, se não te reclamou como seu, é ele quem fica a perder.

— Oh, não creio — disse Gwydion.

E Gwenthwyfar pensou, ao reparar na olhadela rápida que ele lançou a Arthur. *Pode ser que, por qualquer razão, ele diga que não sabe quem é o pai, mas está a mentir.* De certa forma, esse pensamento incomodou-a. Contudo, como teria sido muito mais incomodativo se ele tivesse encarado Arthur, e exigido saber porque é que ele, o filho, não era também o herdeiro!

Avalon, que lugar maldito! Quem lhe dera que se afundasse no mar como a terra perdida de Ys, segundo a velha história, e que nunca mais se ouvisse falar dela!

— Mas hoje é a noite especial de Galahad — disse Gwydion —, e eu estou a desviar dele as atenções. Vais fazer a vigília junto das tuas armas esta noite, meu primo?

Galahad fez que sim com a cabeça.

— É tradição para os Companheiros de Arthur.

— Eu fui o primeiro — disse Gareth — e é um bom costume. Suponho que é o mais próximo que um leigo pode chegar à cerimónia de ser ordenado padre: prestarmos juramento de servir sempre o nosso rei, a nossa terra e o nosso Deus, com as nossas armas. — Deu uma risadinha e prosseguiu: — Que rapazinho pateta eu era!... Meu senhor, Arthur, chegastes a

perdoar-me a vossa oferta de me armardes vós próprio cavaleiro e de eu, em vez disso, ter pedido a Lancelet que o fizesse?

— Perdoar-te, meu rapaz? Invejei-te — disse Arthur, sorrindo. — Pen-
sas que eu não sabia perfeitamente que, de nós dois, Lancelet era o melhor
guerreiro?

Cai falou então pela primeira vez, com a face sombria e coberta de
cicatrices moldada por um sorriso.

— Nessa altura, disse ao rapaz que ele daria um bom cavaleiro e um
bom guerreiro, mas certamente não um bom cortesão!

— Tanto melhor! — disse Arthur alegremente. — Deus bem sabe que
tive uma boa dose desses! — Proseguiu, inclinando-se para a frente e fa-
lando diretamente para Galahad: — Preferias que fosse o teu pai a armar-te
cavaleiro, Galahad? Ele já o fez a bastantes dos meus Companheiros...

— Isso compete ao meu rei dizê-lo — respondeu o rapaz, inclinando
a cabeça. — Mas a mim parece-me que a condição de cavaleiro nos é dada
por Deus, e que não é assim tão importante quem nos serve de padrinho
para a outorgar. Bem... não era bem isto que eu queria dizer, Sir... quero
dizer, o juramento é-vos prestado a vós, mas também e principalmente a
Deus...

Arthur aquiesceu, vagarosamente.

— Compreendo o que queres dizer, meu rapaz. Passa-se algo de muito
semelhante com um rei: faz voto de governar o seu povo, mas é a Deus, e
não ao povo, que ele dá o seu voto.

— Ou — disse Morgaine — à Deusa, em nome Dela, como penhor da
terra que o rei irá governar. — Olhou diretamente para Arthur enquan-
to falava, e ele desviou o olhar, enquanto Gwenhwyfar mordida os lábios...
*Morgaine a recordar mais uma vez a Arthur que o seu juramento de fide-
lidade foi feito a Avalon... Maldita seja!* Mas isso fora no passado, e Arthur
era um rei cristão... sujeito a nenhuma outra autoridade que não fosse a de
Deus.

— Vamos todos rezar por ti, Galahad, para que sejas um bom cavaleiro
e, um dia, um bom rei — disse Gwenhwyfar.

— Assim, quando fizeres os teus votos, Galahad — disse Gwydion —,
estarás, de certa forma, a fazer o mesmo género de casamento sagrado com
a terra que o rei costumava fazer antigamente. Mas não serás, provavelmen-
te, tão duramente posto à prova.

A cor subiu às faces do rapaz mais jovem.

— O meu senhor Arthur subiu ao trono depois de ter sido posto à
prova em combate, meu primo; mas não há qualquer maneira de eu poder
agora ser posto à prova da mesma forma.

— Eu era capaz de pensar numa maneira — disse Morgaine, sua-

vemente — e, se estás destinado a governar Avalon, assim como as terras cristãs, também tens de o fazer um dia, Galahad.

O rapaz cerrou os lábios com firmeza e, depois, disse:

— Possa esse dia vir longe... Certamente, meu senhor, haveis de viver ainda muitos e muitos anos... E, nessa altura, já todos esses velhos que ainda pensam que se deve prestar fidelidade aos rituais pagãos terão desaparecido.

— Espero bem que não — disse Accolon, falando alto pela primeira vez. — Os bosques sagrados ainda lá estão, e praticam-se neles os antigos ritos, como sempre aconteceu desde o princípio do mundo. Não queremos hostilizar a Deusa negando-lhe o seu culto, não vá Ela virar-se contra o Seu povo, arrasando-lhe as colheitas, e escurecendo o próprio Sol que nos dá a vida!

— Mas isto é uma terra cristã! — exclamou Galahad, sobressaltado. — Nunca nenhum padre lhe disse que os perversos deuses antigos, entre os quais reinava o Demónio, já não têm qualquer poder hoje em dia? O bispo Patricius disse-me que todos os bosques sagrados já haviam sido deitados abaixo!

— Não, não foram — disse Accolon —, nem o serão enquanto o meu pai for vivo, ou eu, depois dele.

Morgaine abriu a boca para falar, mas Gwenthwyfar viu Accolon pousar-lhe uma mão no pulso. Ela sorriu para ele e ficou calada. Foi Gwydion quem disse:

— Nem tão-pouco em Avalon, enquanto a Deusa viver. Os reis vão e vêm, mas a Deusa permanecerá para sempre.

Que pena, pensou Gwenthwyfar, que este jovem tão belo seja um pagão! Bem, Galahad é um cavaleiro cristão, bom e piedoso, e há de dar um rei cristão! Mas, embora tentasse reconfortar-se com este pensamento, não pôde deixar de sentir um arrepio de apreensão.

Como se os pensamentos de Gwenthwyfar o perturbassem, Arthur inclinou-se para a frente, para Gwydion, denotando preocupação. Perguntou:

— Vieste para a corte para seres um dos meus Companheiros, Gwydion? Desnecessário será dizer-te que o filho da minha irmã é bem-vindo ao grupo dos meus cavaleiros.

— Admito que o trouxe aqui para isso — disse Morgause —, mas não sabia que era a grande cerimónia de Galahad. Longe de mim a ideia de empanar o lustro desta ocasião. Certamente que outra altura qualquer será igualmente conveniente.

— Não me importava — disse Galahad, ingenuamente — de compartilhar a minha vigília e os meus votos com o meu primo.

— És generoso de mais, meu parente — disse Gwydion com uma gar-

galhada —, mas sabes pouco sobre o que é ser rei. O herdeiro tem de ser armado, em exclusivo. Se Arthur nos armasse cavaleiros aos dois ao mesmo tempo, e sendo eu bastante mais velho do que tu, e de tal maneira mais parecido com Lancelet... Bem, já há bastantes mexericos acerca da minha paternidade; não quero que isso vá ensombrar a tua cerimónia, ao seres armado cavaleiro. Nem — acrescentou risonho — a minha, tão-pouco.

Morgaine encolheu os ombros e disse:

— De uma maneira ou de outra, hão de sempre correr mexericos sobre o parente do rei, Gwydion. Pois então, deixa-os ter mais alguma razão para morder!

— Há ainda outra coisa — disse Gwydion, despreocupadamente. — Não tenciono, de modo algum, fazer a minha vigília de armas numa igreja cristã. Pertencço a Avalon. Se Arthur me quiser admitir entre os seus Companheiros pelo que sou, muito bem; se não quiser, muito bem também.

Uriens levantou os seus braços velhos e nodosos, de maneira a que as serpentes, agora desbotadas, pudessem ser vistas.

— Também eu me sento à Távola Redonda sem ter feito tais votos cristãos, meu enteado.

— Nem eu — disse Gawaine. — Ganhámos o nosso direito a ser armados cavaleiros, todos nós, os que combatemos naquele tempo, e não precisámos de tal cerimonial. Alguns dificilmente o teriam feito, se para se tornarem cavaleiros tivessem de se submeter a esses votos de cortesãos que agora se usam.

— Até eu próprio — disse Lancelet — me sentiria de certa forma relutante a tomar tais votos, sendo pecador como sou. Mas sou um homem de Arthur para a vida e para a morte, e ele bem o sabe.

— Deus permita que nunca duvide disso — disse Arthur, sorrindo, com profunda afeição, para o seu velho amigo. — Tu e Gawaine são os verdadeiros pilares do meu reino. Se alguma vez perdesse um de vós, creio que o meu trono se quebraria e cairia bem lá do cimo de Camelot!

Levantou uma mão ao ver que se abria uma porta no extremo mais afastado do salão, e que por ela entravam um padre todo vestido de branco e dois rapazes, também com vestes brancas. Galahad levantou-se, pressuroso.

— Com a vossa licença, meu senhor...

Arthur também se levantou e abraçou o herdeiro.

— Deus te abençoe, Galahad. Vai à tua vigília.

O rapaz curvou-se numa vénia, e virou-se para abraçar o pai.

Gwenhwyfar não conseguiu ouvir o que Lancelet lhe disse. Estendeu a mão, e Galahad curvou-se para lha beijar.

— Dai-me a vossa bênção, senhora.

— Sempre, Galahad — disse Gwenhwyfar. E Arthur acrescentou:
— Ver-nos-emos na igreja. Terás de fazer a tua vigília sozinho, mas iremos fazer-te companhia durante algum tempo.
— Honrais-me demasiado, meu rei. Não fizestes vigília quando fostes coroado?
— Fez sim, na verdade — disse Morgaine, sorrindo —, mas foi uma vigília bem diferente *desta*.

Enquanto todos os convidados se iam dirigindo para a igreja, Gwydion foi-se deixando ficar para trás até ficar ao lado de Morgaine. Ela olhou para o filho. Não era tão alto como Arthur, que tinha a altura dos Pendragon, mas ao lado dela parecia alto.

— Não esperava ver-te aqui, Gwydion.
— E eu não esperava estar aqui, senhora.
— Ouvi dizer que estiveste a combater, juntamente com os aliados sa-xões de Arthur. Não sabia que eras um guerreiro.
— Tendes tido pouca oportunidade de saber alguma coisa a meu respeito, senhora — disse ele, encolhendo os ombros.
Subitamente, sem saber o que ia dizer até se ouvir, perguntou:
— Odeias-me por te ter abandonado, meu filho?
— Talvez... durante algum tempo, quando era muito novo — disse ele finalmente. — Mas sou um filho da Deusa, e isso forçou-me realmente a não procurar os meus pais terrenos. Hoje em dia, não tenho qualquer ressentimento contra vós, Senhora do Lago.

Por um momento, o caminho à sua frente pareceu ficar desfocado; era como se o jovem Lancelet estivesse a seu lado... O filho segurou-a gentilmente com um braço.

— Cuidado, o caminho aqui não é plano...
— Como é que vão todos em Avalon? — perguntou ela.
— Niniane está bem — disse ele. — Agora, tenho poucos laços com qualquer outra pessoa de lá.
— Não viste lá a irmã de Galahad, uma menina chamada Nimue? — Franziu a testa tentando calcular que idade teria agora Nimue. Galahad tinha dezasseis. Nimue devia ter pelo menos catorze; já devia estar uma senhora.

— Não a conheço pessoalmente — disse Gwydion. — A velha sacerdotisa do oráculo — Raven, não é? — pô-la em silêncio e reclusão. Nenhum homem pode olhar para ela.

Pergunto-me porque é que Raven fez isso. Sentiu-se percorrida por um súbito arrepio de frio, mas limitou-se a perguntar: — E como está Raven? Está bem?

— Não ouvi dizer nada em contrário — disse Gwydion —, embora da última vez que a vi nos rituais me parecesse mais velha do que os carvalhos, apesar de ter uma voz suave e jovem. Mas nunca conversei com ela em particular.

— Nenhum homem o fez — disse Morgaine — e só muito poucas mulheres tiveram esse privilégio. Passei lá doze anos como donzela e só uma meia dúzia de vezes lhe ouvi a voz.

Mas não queria mais falar ou pensar em Avalon e então disse, tentando dar à voz um tom de conversa banal:

— Com que então tiveste experiência de batalhas com os saxões?

— É verdade. E na Bretanha passei algum tempo na corte de Lionel. Ele pensou que eu era filho de Lancelet e queria que lhe chamasse tio; eu não lhe disse nada em contrário. Acho que não faz mal a Lancelet pensarem que ele pode ser pai de um ou mais bastardos. E, tal como fizeram com ele, os saxões dos arredores de Ceardig deram-me um nome. A ele, chamaram-lhe Flecha-de-Elfo. (Dão um nome a qualquer pessoa que faça alguma coisa.) A mim chamaram-me *Mordred*, que na nossa língua quer dizer qualquer coisa parecida com «Conselho Mortal»; e não creio que o tenham feito como um cumprimento!

— Não é preciso muita habilidade para se ser mais astucioso que um saxão — disse ela —, mas diz-me cá: que foi que te levou a vires aqui antes da altura que eu tinha escolhido?

— Achei que podia ver o meu rival — disse Gwydion, encolhendo os ombros.

Morgaine lançou em volta um olhar receoso.

— Não digas isso em voz alta!

— Não tenho qualquer motivo para recear Galahad — disse ele, calmamente. — Não acho que ele tenha o aspeto de quem vai viver o suficiente para chegar a governar.

— Isso é a Visão?

— Não necessito da Visão para me dizer que há de ser preciso alguém mais forte do que Galahad para se sentar no trono de Pendragon — disse Gwydion. — Mas se isso sossega o vosso espírito, senhora, posso jurar-vos, pelo Lago Sagrado, que Galahad não morrerá às minhas mãos. Nem tão-pouco — acrescentou passado um momento, ao vê-la estremecer —, às vossas. Se a Deusa não o quiser a ele no trono da nova Avalon, penso que podemos deixar o assunto com ela.

Por um momento, pousou a mão na de Morgaine e, embora o toque fosse cheio de suavidade, ela voltou a estremecer.

— Vinde — disse ele; e Morgaine teve a impressão de que a sua voz estava tão cheia de compaixão, como a de um padre ao dar a absolvição.

— Vamos ver o meu primo na sua vigília de armas. Não está certo que haja seja o que for a estragar este grande momento da sua vida. Talvez não venha a ter muitos mais.

Por muitas vezes que Morgause de Lothian fosse a Camelot, nunca se cansava da pompa e do aparato da corte. Consciente de que, como uma das rainhas súbditas de Arthur e mãe de três dos seus mais antigos Companheiros, iria gozar de um lugar de destaque nos diversos jogos que assinalavam aquele dia, sentou-se ao lado de Morgaine na igreja. No fim do serviço, Galahad seria armado cavaleiro. Estava sentado ao lado de Arthur e de Gwenhwyfar, pálido e sério, resplandecente de excitação.

O próprio bispo Patricius viera de Glastonbury para celebrar a missa de Pentecostes em Camelot; estava voltado para os fiéis, nas suas vestes brancas, e entoava:

— Em Teu nome oferecemos este pão, o corpo do Criador...

Morgause tapou a boca com uma mãozinha gorducha, disfarçando um bocejo. Por mais que assistisse a cerimónias cristãs, nunca pensava nelas; nem eram sequer tão interessantes como os rituais de Avalon, ao sabor dos quais tinha passado a sua infância. Desde os seus catorze anos que pensava que todos os deuses e religiões eram jogos a que os homens e as mulheres jogavam em espírito. Nenhum deles tinha nada a ver com a vida real. No entanto, quando ia à corte, no Pentecostes, ia sempre obedientemente à missa, para agradar a Gwenhwyfar (que, no fim de contas, era a sua anfitriã, Rainha Suprema e parente próxima). Com o resto da família real, avançou, então, para receber a hóstia sagrada. Morgaine, atenta, a seu lado, foi a única da casa do rei que não se aproximou da mesa da comunhão; Morgause pensou preguiçosamente que Morgaine era uma grandessíssima pateta:

não só afastava as pessoas comuns, como fazia com que os mais religiosos da casa real lhe chamassem bruxa e feiticeira e outras coisas piores, quando falavam uns com os outros. E, ao fim e ao cabo, que diferença fazia? Uma mentira religiosa era tão boa como outra qualquer, não é verdade? Quanto ao rei Uriens, já tinha mais expediente. Morgause achava que o rei Uriens não era mais religioso do que o gatinho de Gwenhwyfar. Tinha visto as serpentes de Avalon em volta dos seus braços. Contudo, tal como o filho, Accolon, avançara para tomar parte na cerimónia.

Quando chegou a altura da oração final, que incluía uma outra pelos mortos, Morgause descobriu que tinha lágrimas nos olhos. Tinha saudades de Lot, da sua cínica jovialidade, da sua inabalável lealdade para com ela. E, no fim de contas, tinha-lhe dado quatro belos filhos. Gawaine e Gareth estavam ajoelhados perto dela, entre os mais chegados a Arthur: Gawaine, como sempre, muito perto de Arthur; Gareth, ao lado do seu jovem amigo Uwaine, o enteado de Morgaine. Tinha ouvido Uwaine chamar «mãe» a Morgaine, e notado um tom genuinamente maternal na voz dela, coisa de que nunca supusera que Morgaine fosse capaz.

Com um roçar de vestidos e um tinir abafado de espadas embainhadas e outros adereços, os parentes de Arthur levantaram-se e encaminharam-se para o portal da igreja. Gwenhwyfar, embora um pouco macilenta, continuava bonita, com as longas tranças douradas e brilhantes sobre um dos ombros e um belo vestido apertado por um cinto de ouro refulgente. Arthur também estava esplêndido. A espada Excalibur pendia-lhe, embainhada, da anca, na mesma velha bainha de veludo vermelho que já usava há mais de vinte anos. Ela achou que Gwenhwyfar bem lhe podia ter bordado uma mais bonita nos últimos dez.

Galahad ajoelhou-se diante do rei. Arthur pegou numa bela espada que Gawaine lhe estendia e disse:

— Para ti, meu querido parente e filho adotivo, aqui tens.

Fez um gesto a Gawaine, que a prendeu em volta da cintura esbelta do rapaz. Galahad olhou para cima, com o seu sorriso de rapazinho e disse numa voz clara:

— Agradeço-vos, meu rei. Possa eu usá-la sempre e apenas ao vosso serviço.

Arthur pousou ambas as mãos sobre a cabeça de Galahad e disse: — É com alegria que te recebo na companhia dos meus Companheiros, Galahad, e te armo cavaleiro. Sê sempre fiel e justo, e serve sempre o trono e as justas causas.

Fez o rapaz levantar-se, abraçou-o e beijou-o. Gwenhwyfar fez o mesmo, e a companhia real começou a dirigir-se para o enorme campo, com os outros atrás.

Morgause deu consigo a caminhar entre Morgaine e Gwydion, com Uriens, Accolon e Uwaine logo atrás. O campo fora decorado com estacas verdes, com fitas em volta e estandartes; os marechais dos jogos estavam a medir às passadas as áreas de luta. Viu Lancelet junto de Galahad, abraçando-o e dando-lhe um escudo simples e branco. Morgause perguntou:

— Lancelet vai combater hoje?

— Penso que não — disse Accolon. — Ouvi dizer que ia ser mestre das liças; já ganhou no campo vezes de mais. Aqui entre nós, acho que ele já não é assim tão novo, e era capaz de não convir à dignidade do campeão da rainha ser derrubado da sela do cavalo por um rapazote qualquer recentemente armado cavaleiro. Ouvi dizer que já foi batido por Gareth mais do que uma vez, e uma vez por Lamorak...

— Penso que Lamorak — disse Morgause, sorrindo — foi muito nobre em não se ter gabado de tal feito. Poucos homens eram capazes de resistir à tentação de se gabar de ter derrotado Lancelet, nem que fosse numa batalha a fingir!

— Não — disse Morgaine, calmamente —, penso que muitos dos jovens cavaleiros se sentiriam infelizes se pensassem que Lancelet já não é rei no campo. Ele é o herói deles.

Gwydion soltou uma risadinha.

— Queres dizer que os jovens veados se abstêm de desafiar o cavaleiro que é o Rei Veado entre eles?

— Penso que nenhum dos cavaleiros mais velhos o faria — disse Accolon — e, quanto aos jovens, poucos há com força ou experiência suficiente para o desafiarem. Se o fizessem, ele ainda era capaz de lhes mostrar um ou dois truques.

— Eu não o faria — disse Uwaine, calmamente. — Penso que não há nenhum cavaleiro nesta corte que não goste de Lancelet. Hoje em dia, Gareth já seria capaz de o vencer sempre que quisesse, mas não de o envergonhar no dia de Pentecostes. Quanto a Gawaine, sempre foram os dois praticamente da mesma força e mestria. Uma vez, num Pentecostes como este, lutaram durante mais de uma hora, e Gawaine arrancou-lhe a espada da mão. Não sei se lhe levaria a melhor num combate singular, mas por mim ele vai continuar a ser o campeão enquanto viver, pois não faço tentações de o desafiar.

— Eu já o desafiei um dia — disse Accolon a rir — e, em cinco minutos, tirou-me todas as veleidades! Pode estar velho, mas continua a ter a mesma habilidade e a mesma força.

Conduziu Morgaine e o pai aos lugares que lhes estavam reservados.

— Com a vossa licença, agora vou-me embora, para entrar nas liças enquanto é tempo.

— E eu também — disse Uwayne, curvando-se para beijar a mão ao pai. Virou-se para Morgaine: — Não tenho dama, mãe. Quereis dar-me uma prenda para usar nas liças?

Morgaine sorriu com indulgência, e deu-lhe uma fita da sua manga, que ele logo atou ao braço dizendo:

— Já tratei de desafiar Gawaine para uma prova de força.

Gwydion disse, com o seu sorriso encantador:

— Mas então, senhora, mais valia retirardes o vosso favor... Ou quereis que a vossa honra seja assim tão facilmente maltratada?

Morgaine riu-se, bem-disposta, para Accolon, e Morgause, ao reparar como o rosto dela se animava, pensou: *Uwayne é muito mais filho dela do que Gwydion; mas vê-se perfeitamente que Accolon é mais do que isso. Pergunto-me se o velho rei sabe... ou se se importa?*

Lamorak aproximava-se deles e Morgause sentiu-se satisfeita. Havia muitas mulheres bonitas no campo e ele podia pedir, a qualquer uma, uma prenda para o combate; no entanto, diante de todos, diante de toda a Camelot, o seu querido jovem vinha até ela, e era diante dela que se curvava.

— Senhora minha, posso usar uma prenda vossa no combate?

— Com muito gosto, meu querido.

Morgause deu-lhe uma rosa do ramallete que usava no decote. Ele beijou a flor e ela estendeu-lhe a mão, agradavelmente consciente de que o seu jovem cavaleiro era um dos mais belos homens ali presentes.

— Lamorak parece enfeitado por vós — disse Morgaine. E, embora Morgause lhe tivesse dado a sua prenda diante de toda a corte, sentiu-se corar perante o tom desprendido da voz de Morgaine.

— Pensais que tenho necessidade de encantos ou de feitiços, minha parente?

— Devia ter usado outra palavra — disse Morgaine, soltando uma gargalhada. — A maioria dos jovens parece querer apenas uma cara bonita e pouco mais.

— Bem, Morgaine, Accolon é mais novo do que vós, e não há dúvida de que o cativastes a tal ponto que ele não tem certamente qualquer desejo de uma mulher mais jovem... ou mais bonita. Não que eu vos repreve, minha querida. Casastes contra a vossa vontade e o vosso marido podia ser vosso avô.

Morgaine encolheu os ombros.

— Às vezes, penso que Uriens sabe... Talvez se sinta satisfeito por eu ter um amante que não me tenta a deixá-lo.

Morgause, um pouco hesitante (nunca mais fizera a Morgaine uma pergunta pessoal desde o nascimento de Gwydion), disse:

— Então vós e Uriens discutis?

Morgaine encolheu de novo os ombros, indiferente.

— Acho que Uriens não se preocupa o suficiente comigo para discutir seja por que razão for.

— O que achais de Gwydion? — perguntou Morgause.

— Assusta-me — disse Morgaine. — Contudo, seria difícil não me sentir encantada com ele.

— Que é que esperáveis? Tem a beleza de Lancelet e os vossos poderes de espírito... e além disso é ambicioso.

— Como é estranho que conheçais o meu filho melhor do que eu! — disse Morgaine.

E havia tanta amargura naquelas palavras que Morgause, cujo primeiro instinto fora dar-lhe uma resposta áspera — Morgaine abandonara o filho, porque havia de se surpreender? —, se limitou a dar-lhe umas palmadinhas afetuosas na mão e a dizer-lhe com suavidade:

— Oh, minha querida, assim que um filho cresce o suficiente para nos sair do colo, acho que qualquer pessoa o pode conhecer melhor do que a própria mãe! Tenho a certeza que Arthur e os seus Companheiros, e até mesmo o vosso Uwayne, todos conhecem Gawaine melhor do que eu; ele nem sequer é um homem difícil de compreender: é perfeitamente simples. Mesmo que tivésseis sido vós a criar Gwydion desde bebé, háveis de continuar a ter dificuldade em compreendê-lo. Confesso-vos francamente que eu não o compreendo!

A única resposta de Morgaine foi um sorriso um pouco perturbado. Voltou-se para observar as liças que começavam. Os bobos e palhaços de Arthur dançavam e faziam cabriolas a imitar jogos de batalhas, agitando bexigas de porco como se fossem armas, e bandeiras de pano vistosamente pintadas em vez de escudos, com toda a assistência a rir às gargalhadas das suas palhaçadas. Finalmente, curvaram-se em reverência diante dos reis, e Gwenhwyfar, numa paródia exagerada do gesto com que mais tarde iria entregar os prémios aos verdadeiros vencedores, atirou-lhes mãos-cheias de confetes e doces. Apanharam-nos em grande confusão, o que desencadeou mais risos e aplausos, e depois retiraram-se, sempre às cabriolas, para as cozinhas, onde os esperava uma lauta refeição.

Um dos arautos proclamou que o primeiro jogo seria um combate entre o campeão da rainha, Sir Lancelet do Lago, e o Companheiro do rei, Sir Gawaine de Lothian e das Ilhas. Houve um tumulto de aplausos quando eles entraram no campo (Lancelet esbelto, moreno e ainda tão belo, apesar das rugas na cara e do toque de cinzento nos cabelos, que Morgaine sentiu a respiração prender-se-lhe).

Sim, pensou Morgause, observando a cara da sua parente. Ainda o ama, apesar dos anos. Talvez nem o saiba, mas é a verdade.

O combate era uma espécie de dança de coreografia complicada, em que os dois intervenientes andavam um à volta do outro, fazendo ressoar as espadas e os escudos. Morgause não conseguia ver que algum deles tivesse a mais pequena vantagem sobre o outro e, quando finalmente baixaram as espadas, se curvaram diante do rei e se abraçaram, foram ambos aplaudidos imparcialmente e aclamados sem o menor favoritismo.

Seguidamente, foi a vez dos jogos a cavalo: demonstrações de alta escola, um homem montado num cavalo selvagem para o domar...

Morgause recordou-se vagamente de uma vez em que Lancelot tinha feito a mesma coisa (talvez no casamento de Arthur... Parecia-lhe ter acontecido há muito, muito tempo). Depois, houve duelos individuais a cavalo, com lanças de ponta embotada que, mesmo assim, podiam arrancar um cavaleiro da sela, fazendo-o dar um trambolhão até ao solo. Um jovem cavaleiro caiu, com uma perna dobrada num ângulo esquisito. Foi o único acidente sério, mas também houve nódoas negras, dedos esmagados, homens caídos no chão sem sentidos, e um que só por uma unha negra escapou a ser escoiceado por um cavalo ainda mal treinado. No fim de tudo isto, Gwenhwyfar entregou os prémios, e Morgaine foi também chamada por Arthur para o mesmo fim.

Accolon ganhou um dos prémios a cavalo; ao aproximar-se para ajoelhar e receber o prémio das mãos de Morgaine, Morgause ficou atónita ao ouvir um assobio e uma vaia, baixa, mas audível, vindo algures dos lugares de pé: *Bruxa! Meretriz!*

Morgaine corou, mas não lhe tremiam as mãos ao estender a taça a Accolon. Arthur disse, em voz baixa, a um dos escudeiros:

— Descobre quem foi!

E o homem logo se esgueirou para procurar; mas Morgause tinha a certeza de que no meio de tal multidão nunca se iria encontrar o autor do dichote.

Quando Morgaine regressou ao seu lugar, no início da segunda parte dos jogos, estava pálida e furiosa; Morgause reparou que tinha as mãos a tremer e a respiração ofegante.

— Minha querida, não vos importeis com aquilo — disse Morgause. — O que pensais que eles me chamam, quando as colheitas são más, ou quando castigo alguém que preferia ir avante com a sua vilania?

— Pensais que me importo com o que essa população pensa de mim? — disse Morgaine, desdenhosa; mas Morgause percebeu que a indiferença dela era fingida. — Sou suficientemente amada no meu país.

A segunda parte dos jogos começou com uns rudes saxões a fazerem uma demonstração da arte de luta corpo a corpo. Eram homens enormes e peludos, com pelos, não só nas faces, como por todo o corpo seminu; gru-

nhiam, retesavam os músculos, e erguiam-se uns aos outros no ar, soltando gritos roucos; apertavam-se em abraços de ferro e torciam-se mutuamente os membros com uma força capaz de partir ossos. Morgause estava inclinada para a frente, desfrutando sem qualquer vergonha daquela expressão de força máscula; mas Morgaine desviava a vista com desagrado.

— Ora, Morgaine, estais a tornar-vos tão pudica como a rainha. Mas que cara!

Morgause protegia os olhos do sol com a mão, e olhava para baixo, para o campo.

— Creio que a batalha a fingir vai começar agora... Vede! Não é Gwydion? Que estará ele a fazer?

Gwydion saltara para o campo e, mandando embora com um gesto o arauto que corraera para ele, gritou numa voz clara e forte que se podia ouvir perfeitamente de uma ponta à outra do campo:

— Rei Arthur!

Morgause viu que Morgaine se recostara, meio desfalecida, branca como a morte, agarrando-se com força aos braços da cadeira com ambas as mãos. Que ia o rapaz fazer? Uma cena, ali, diante de metade do povo de Arthur, exigindo que o reconhecesse, como lhe era devido?

Arthur pôs-se de pé, e Morgause reparou que também ele parecia pouco à vontade. Contudo, a sua voz soou perfeitamente clara:

— Sim, meu sobrinho?

— Ouvi dizer que é costume nestes jogos permitir-se um desafio, se o rei der autorização. Peço licença para desafiar Sir Lancelet para um combate!

Lancelet dissera uma vez — Morgause recordava-se bem — que tais desafios eram a maldição da sua existência; todos os jovens cavaleiros ambicionavam dominar o campeão da rainha. A voz de Arthur ouviu-se, grave:

— É costume, sim, mas não posso falar por Lancelet. Se ele concordar com esse combate, não posso recusá-lo, mas terás de o desafiar diretamente e conformar-te com a sua resposta.

— Oh! Diabo de rapaz! — disse Morgause. — Não fazia ideia nenhuma de que era isso que ele tinha em mente...

Morgaine sentiu que, de certa forma, ela não estava de todo descontente.

Levantara-se vento e a poeira do chão erguia-se em nuvens, enevoando o brilho ofuscante da terra branca e seca do campo.

Gwydion caminhou através da poeira até ao final das liças, onde Lancelet estava sentado num banco. Morgause não conseguiu ouvir o que disse qualquer um deles, mas Gwydion virou-se, zangado, e gritou:

— Meus senhores! Sempre ouvi dizer que era dever de um campeão aceitar o desafio de qualquer recém-chegado! Sir, exijo que Lancelet aceite o meu desafio, ou desista do seu alto cargo a meu favor! Ou será que ele mantém esse posto, não pela sua habilidade e mestria nas armas, mas sim por quaisquer outras razões, meu senhor Arthur?

— Gostava — disse Morgause — que o vosso filho ainda tivesse idade para levar um bom par de açoites naquele rabo, Morgaine!

— Porquê censurá-lo? — disse Morgaine. — Porque não censurar Gwenhwyfar por tornar o marido tão vulnerável? Toda a gente sabe que ela dá os seus favores a Lancelet e, no entanto, ninguém grita «bruxa» nem «meretriz» quando ela aparece em público.

Lancelet, abaixo delas, levantara-se e aproximava-se de Gwydion; levou atrás a mão enluvada e bateu elegantemente na cara do rapaz, atingindo-o na boca.

— Agora deste-me na verdade motivo para castigar a tua língua comprida, jovem Gwydion. Vamos ver quem se recusa a combater!

— Vim aqui para isso — retorquiu Gwydion, sem se deixar perturbar, nem pela pancada, nem pelas suas palavras, embora na cara tivesse um risco de sangue. — Até vos concedo o primeiro sangue, Sir Lancelet. É justo que um homem da vossa idade goze de uma certa vantagem.

Lancelet falou com um dos seus marechais, que avançou para tomar o lugar dele como mestre das liças. Nos lugares de pé ouviram-se grandes murmúrios, quando Lancelet e Gwydion pegaram nas respetivas espadas e se postaram diante do rei para a cortesia ritual que dava início ao combate. Morgause pensou: *Se existe um homem em toda esta multidão que não acredite que são pai e filho, é porque é pouco perspicaz.*

Os dois homens puseram-se um diante do outro, e ergueram as espadas, já com a cara tapada por elmos. Eram da mesma altura, talvez apenas com a diferença de um ou dois centímetros. A única diferença entre os dois residia na couraça peitoral e na armadura de Lancelet, gastas e amolgadas, enquanto os adereços de Gwydion eram novos e imaculados. Andaram em círculo, vagarosamente, um à volta do outro; depois, precipitaram-se ambos, e, por momentos, Morgause deixou de poder distinguir os golpes separadamente, pois eram demasiado rápidos para a vista os poder seguir. Podia ver que Lancelet estava a medir o adversário; passados momentos, investiu bruscamente e desferiu um golpe fortíssimo. Gwydion aparou-o com um lado do escudo, mas a força era tal que cambaleou, perdeu o equilíbrio e caiu ao comprido no chão. Rapidamente, procurou erguer-se. Lancelet pôs a espada de lado e foi ter com ele para o ajudar a pôr-se de pé. Morgause não conseguiu ouvir o que lhe disse, mas parecia bem-intencionado, como se lhe dissesse: «Já tens que chegar, rapaz?»

Gwydion apontou para o fio de sangue que descia do pulso de Lancelet, proveniente de um pequeno golpe que conseguira fazer-lhe. A sua voz foi perfeitamente audível.

— Vós fizestes correr o primeiro sangue, Sir, eu, o segundo. Vamos decidir a coisa com mais uma queda?

Ouviu-se uma pequena tempestade de assobios e manifestações de desagrado; o primeiro sangue, naqueles desafios de demonstração, uma vez que os intervenientes combatiam com armas aguçadas, era suposto pôr fim ao combate.

O rei Arthur levantou-se:

— Isto é um festival de cortesia, não um duelo! Não vou admitir aqui nenhum ajuste de contas por ressentimento, a não ser que lutem corpo a corpo, ou com cacetes! Podeis continuar, se quiserdes, mas ficais avisados: se houver algum ferimento grave, ficareis ambos sujeitos ao meu profundo desagrado!

Ambos fizeram uma vénia e afastaram-se, movendo-se de novo em círculos, à procura de uma oportunidade para atacar; depois, precipitaram-se um para o outro, e Morgause susteve a respiração perante a ferocidade do ataque. Parecia que, de um momento para o outro, um deles ia conseguir inserir a espada por debaixo do escudo do outro, infligindo-lhe um ferimento mortal! Um deles ajoelhou... Uma chuva de golpes no escudo, as espadas entrelaçadas uma na outra num nó cego, e o outro começava a aproximar-se cada vez mais do chão...

Gwenhwyfar pôs-se de pé e gritou:

— Não consinto que isto vá mais longe!

Arthur atirou o bastão para as liças. De costume, quando tal acontecia, o combate parava imediatamente, mas nenhum dos dois o viu e os marechais tiveram de ir separá-los. Gwydion manteve-se fresco e direito, sorrindo enquanto tirava o elmo. O escudeiro de Lancelet teve de ajudar o amo a pôr-se de pé; respirava com dificuldade, com suor e sangue a correrem-lhe pela cara abaixo. Houve uma perfeita tempestade de assobios, até mesmo por parte dos outros cavaleiros que estavam no campo; Gwydion não acrescentara nada à sua popularidade, ao envergonhar assim o herói do povo. No entanto, curvou-se diante do cavaleiro mais velho e disse:

— Sinto-me honrado, Sir Lancelet. Cheguei a esta corte como um estranho, nem sequer como um dos Companheiros de Arthur, e estou-vos grato pela lição que me destes sobre a arte de manejar a espada. — O seu sorriso parecia o reflexo do sorriso de Lancelet. — Obrigado, Sir.

Lancelet conseguiu forças para fazer também o seu velho sorriso, o que fez aumentar a semelhança entre os dois, quase de forma caricata.

— Comportaste-te com a maior bravura, Gwydion.

— Nesse caso — disse Gwydion, ajoelhando-se diante dele na poeira do campo —, peço-vos, Sir: concedei-me a ordem de cavaleiro.

Morgause susteve a respiração. Morgaine estava sentada, como se tivesse sido transformada numa pedra. Mas, do sítio onde os saxões estavam sentados, levantou-se um clamor de aplauso:

— Habilidade artimanha, na verdade! Esperto, esperto... Como podem eles agora recusar-to, rapaz, quando foste capaz de fazer frente ao seu próprio campeão?

Lancelet olhou para Arthur. O rei estava sentado, paralisado, parecendo atônito; mas, passado um momento, aquiesceu com a cabeça. Lancelet fez um gesto para o seu escudeiro, que lhe trouxe uma espada. Pegou nela e prendeu-a ao cinto de Gwydion.

— Usa sempre isto ao serviço do teu rei e por uma causa justa — disse o velho cavaleiro.

Estava agora terrivelmente sério. Toda a sombra de troça, ou de desafio, desaparecera da face de Gwydion; parecia grave e adorável, com os olhos erguidos para Lancelet.

Morgause viu que ele tinha os lábios a tremer e, de súbito, sentiu-se invadir por uma onda de simpatia por ele. Bastardo, nem sequer reconhecido como tal, era ainda mais um estranho do que Lancelet havia sido. Quem podia censurar Gwydion pela astúcia que tinha usado para forçar os seus parentes a reparar nele? Pensou: *Já há muito que o devíamos ter trazido à corte de Arthur e tê-los feito reconhecerem-no em particular, já que Arthur o não pode fazer publicamente. O filho de um rei não devia ter de fazer isto.*

Lancelet pousou as mãos na frente de Gwydion, dizendo:

— Confiro-te a honra de seres um dos Companheiros da Távola Redonda, com permissão do nosso rei. Serve-o sempre e, visto que ganhaste esta honra por habilidade e não por força bruta, embora na verdade também tenhas dado mostras de possuir esta última, dou-te o nome, no seio desta companhia, não de Gwydion, mas de Mordred. Levanta-te, Sir Mordred, e toma o teu lugar entre os Companheiros de Arthur.

Gwydion... — não, *Mordred*, lembrou-se Morgause; porque o ato de dar o nome a um Companheiro era um ritual não muito menos sério do que um batismo — levantou-se e retribuiu calorosamente o abraço de Lancelet. Parecia profundamente comovido, quase sem ouvir as aclamações e os aplausos. Depois disse, com a voz entrecortada pela emoção:

— Agora é que ganhei o grande prémio do dia, seja quem for aquele que proclamem vencedor destes jogos, meu senhor, Lancelet.

— Não — disse Morgaine de mansinho, ao lado de Morgause —, não o percebo. Esta era a última coisa que podia esperar dele.

...

Houve um longo intervalo antes de os Companheiros alinharem para a batalha fingida final. Alguns foram beber água, ou comer apressadamente um bocado de pão; outros juntavam-se, em pequenos grupos, para discutir qual o lado em que se deviam colocar nos jogos finais; outros ainda iam ver os seus cavalos. Morgause desceu até ao campo, onde deambulavam alguns jovens, entre os quais Gareth. Era cerca de um palmo mais alto que todos os outros, tornando-se assim fácil de encontrar. Morgause pensou que ele estava a falar com Lancelet, mas quando chegou mais perto, descobriu que a vista a enganara. Gareth estava diante de Gwydion e falava num tom zangado. Ela apenas pôde perceber as últimas palavras:

— ... que mal é que ele te fez? Fazê-lo fazer figura de parvo diante do campo todo...

Gwydion soltou uma gargalhada e disse:

— Se o nosso primo precisa de proteção num campo cheio de amigos seus, que Deus o proteja se cair no meio de saxões ou de homens do Norte! Vamos, irmão de leite, não tenho qualquer dúvida de que ele sabe defender a sua própria reputação! É tudo o que tens para me dizer depois destes anos todos, irmão: ralhares comigo por eu ter arreliado alguém de quem gostas tanto?

Gareth riu-se e deu a Gwydion um abraço apertado, dizendo:

— Mas que miúdo endiabrado me saíste! Quem é que te meteu na cabeça a ideia de fazeres aquilo? Arthur ter-te-ia armado cavaleiro se lho tivesses pedido!

Morgause recordou-se de que Gareth não sabia a verdade toda acerca do parentesco de Gwydion; certamente queria apenas dizer: *Porque és o filho da sua irmã.*

— Estou certo que sim — disse Gwydion. — Ele é sempre simpático para com os parentes. Ter-te-ia armado cavaleiro, Gareth, em atenção a Gawaine, mas também não seguiste esse rumo, meu irmão. — Riu-se. — E eu acho que Lancelet me deve qualquer coisa por todos estes anos que tenho andado por aí a passear a cara dele!

Gareth encolheu os ombros, pesarosamente.

— Bem, parece que ele não ficou com nenhum ressentimento contra ti; portanto, presumo que também te devo perdoar. Agora, tu também já te deste conta do grande coração que ele tem.

— Pois — disse Gwydion suavemente —, tem, sim... — Depois, levantou a cabeça e viu Morgause. — Mãe, que fazeis aqui? Em que vos posso servir?

— Vim só cumprimentar Gareth, que hoje ainda não me falou.

E o rapagão curvou-se para beijar a mão da sua mãe. Ela perguntou-lhe:

— Como é que vais combater na batalha fingida?

— Como sempre — disse Gareth. — Luto ao lado de Gawaine, com os homens do rei. Tens um cavalo para lutares, não tens, Gwydion? Vais lutar do lado do rei, então? Podemos arranjar-te um lugar.

Gwydion disse, com o seu sorriso sombrio e enigmático:

— Uma vez que Lancelet me armou cavaleiro, suponho que devo lutar com o exército de Sir Lancelet do Lago e ao lado de Accolon, por Avalon. Mas hoje não vou para o campo, Gareth.

— Porque não? — perguntou Gareth, pousando a mão no ombro do rapaz mais novo, olhando para baixo, para ele, como sempre fizera.

Morgause pensou num Gareth mais novo a sorrir, olhando para baixo, para o irmão mais novo.

— É o que se espera daqueles que foram armados cavaleiros... Galahad irá lutar connosco.

— E de que lado vai ficar? — perguntou Gwydion. — Do lado do seu pai, Lancelet, ou do rei, que o fez herdeiro do seu trono? Não será essa uma provocação cruel para a sua lealdade?

Gareth pareceu exasperado.

— Então como é que tu dividirias os exércitos para a batalha fingida, senão pelos dois maiores cavaleiros que temos? Pensas que tanto Lancelet como Arthur acreditam que isto é uma prova de lealdade? O próprio Arthur não vai para o campo, justamente para que nenhum homem tenha de fazer a escolha de lutar ou não contra o seu rei, mas Gawaine tem sido o seu campeão desde que ele foi coroado! Vais reavivar um velho escândalo? *Tu?*

— Se nem tenciono juntar-me nem a uns nem a outros... — disse Gwydion, encolhendo os ombros.

— Mas o que é que vão pensar de ti? Que és um covarde, que te encolhes perante a luta...

— Já combati o suficiente nos exércitos de Arthur para deixar de me importar com o que possam dizer — retorquiu Gwydion. — Mas, se quiseres, podes dizer-lhes que o meu cavalo está coxo e que não quero arriscar-me a magoá-lo mais. É uma desculpa perfeitamente honrosa.

— Eu emprestava-te um dos cavalos de Gawaine — disse Gareth, intrigado —, mas se o que queres é uma desculpa honrosa, faz como quiseres. Mas porquê, Gwydion? Ou será que agora te devo chamar Mordred?

— Podes sempre chamar-me como te aprouver, irmão adotivo.

— Mas não me queres dizer porque é que te esquivas ao combate, Gwydion?

— Ninguém, a não ser tu, me podia dizer isso sem ser desafiado para um duelo — disse Gwydion —, mas já que me perguntas, vou dizer-te: é por ti que o faço, irmão.

Gareth franziu as sobrancelhas e perguntou:

— Que queres dizer, em nome de Deus?

— Sei pouco acerca de Deus, nem me interessa — disse Gwydion, olhando para os pés. — Se te interessa, irmão... já sabes há muito tempo que... tenho a Visão...

— Sim, e daí? — perguntou Gareth, impaciente. — Será que tiveste algum sonho mau em que eu caía aos teus pés trespassado?

— Não, não brinques com isto — disse Gwydion; e Morgause sentiu como que gelo a percorrer-lhe as veias quando o viu olhar para Gareth. — Pareceu-me... — Engoliu em seco, como se a garganta se recusasse a deixar passar as palavras que tinha de proferir. — Pareceu-me que estavas caído no chão, a morrer... que eu estava ajoelhado a teu lado, e tu não me falavas... e eu sabia que era por minha causa que estavas ali caído e prestes a perder para sempre a centelha da vida.

Gareth franziu os lábios e assobiou ligeiramente. Mas, depois, deu uma palmada no ombro do irmão.

— Ná, dou pouco crédito a sonhos ou visões, meu pequeno. E ao destino, ninguém consegue escapar. Não te ensinaram isso em Avalon?

— Sim — disse Gwydion, suavemente. — E, se tu cáíres, mesmo que seja pela minha mão, em batalha, seria mesmo o destino... Mas não vou tentar esse destino com brincadeiras, meu irmão. Podia a má sorte guiar erradamente a minha mão e fazer-me golpear-te... Deixa que seja assim, Gareth. Não vou hoje para o campo; deixa-os dizer o que quiserem.

Mas Gareth ainda parecia triste.

— Bem, faz como quiseres, pequeno. Fica ao lado da mãe, então, uma vez que Lamorak vai para o campo lutar ao lado de Lancelet.

Curvou-se para beijar a mão da sua mãe e afastou-se. Morgause, de sobrolho franzido, ia começar a perguntar a Gwydion o que é que ele tinha visto, mas viu-o carrancudo, a olhar para o chão, e absteve-se de o fazer, limitando-se a dizer:

— Bem, se vou ter um jovem cortesão para se sentar a meu lado, serás capaz de me trazer uma concha de água antes de ir outra vez para o meu lugar?

— Com certeza, mãe — disse ele. E afastou-se na direção dos barris de água.

Para Morgause, a última contenda era sempre uma confusão. A cabeça começara a doer-lhe por causa do sol e estava desejosa de que aquilo tudo acabasse. Tinha fome também, e mesmo à distância vinha-lhe às narinas o odor da carne que assava nos fossos.

Gwydion sentou-se ao lado dela e foi-lhe explicando o que se passava, embora ela pouco soubesse sobre a pontuação do combate, e não estivesse

interessada em sabê-lo. Mas reparou que Galahad parecia estar a sair-se bem, tendo conseguido desmontar dois cavaleiros, o que a surpreendeu um pouco, pelo aspeto delicado que ele lhe parecera ter. Mas, vendo bem, também Gareth lhe parecera um rapazinho delicado e, afinal, era o mais temível dos combatentes. No final, foi ele quem ganhou o prémio no lado do rei, em que Gawaine era o chefe. Ninguém estranhou que o prémio no lado de Lancelet fosse ganho por Galahad: era coisa habitual para um jovem que fora armado cavaleiro nesse mesmo dia, pensou ela para consigo.

— Também tu podias ter ganho um prémio, Gwydion — disse. Mas ele riu e abanou a cabeça.

— Não preciso disso, mãe. Porque havia de estragar o dia ao meu primo? E Galahad combateu bem. Ninguém lhe inveja o prémio.

Havia também vários prémios mais pequenos; quando já todos tinham sido distribuídos, os cavaleiros foram refrescados com baldes de água da cabeça aos pés, atirados pelos respetivos escudeiros, e depois foram vestir roupa lavada. Morgause foi com as outras senhoras da parentela real para uma sala posta à sua disposição, onde puderam arranjar os fatos e os penteados e lavar-se da poeira e do suor.

— Que tal? — perguntou Morgause. — Achais que Lancelet ficou inimigo dele?

— Acho que não — respondeu Morgaine. — Não vistes como se abraçaram?

— Pareciam pai e filho — disse Morgause. — Quem me dera que o fossem!

Mas a face de Morgaine parecia de pedra.

— Já é tarde de mais para se falar disso, tia. Já lá vão muitos anos.

Morgause refletiu. *Talvez ela já se tenha esquecido de que eu sei de quem ele é realmente filho.* Mas, perante a calma gelada de Morgaine, apenas pôde dizer:

— Quereis que vos arranje as tranças atrás? — Pegou no pente, enquanto Morgaine se voltava. — Mordred... — disse, enquanto trabalhava. — Bem, Deus sabe como ele deu aqui provas de ter esperteza de sobra! Agora ganhou, pelos seus próprios méritos de valor e impudência, um lugar aqui, sem ter de o pedir a Arthur invocando o seu parentesco. Os saxões deram-lhe um nome adequado. Mas não sabia que era um guerreiro tão bom. Não há dúvida de que consegui ficar com a glória do dia! Mesmo tendo Galahad ganho o prémio, ninguém há de falar de outra coisa senão do gesto atrevido de Mordred.

Uma das açaфatas da rainha aproximou-se delas.

— Lady Morgaine, Sir Mordred é vosso filho? Nunca soube que tínheis um filho...

— Eu era muito nova quando ele nasceu — respondeu Morgaine, calmamente — e foi a minha tia Morgause quem o criou como seu filho adotivo. Eu própria quase me tinha esquecido dele.

— Como deveis estar orgulhosa! E não é tão belo? Tão bonito como o próprio Lancelet! — disse a mulher, com os olhos a brilhar.

— Pois é, não é? — concordou Morgaine, num tom de voz tão cortês que apenas Morgause, que a conhecia bem, se apercebeu de que estava irritada. — Foi um bocado embaraçoso para ambos, acho eu. Lancelet e eu somos primos direitos e, quando eu era rapariguinha, era mais parecida com ele do que com o meu irmão. A nossa mãe era alta e ruiva, como aqui a rainha Morgause, mas Lady Viviane pertencia ao povo antigo de Avalon.

— Então, quem é o pai dele? — perguntou a mulher.

Morgause viu Morgaine fechar os punhos com força. Mas ela respondeu com um sorriso agradável:

— Gwydion é o filho de Beltane, e Deus reclama a paternidade de todas as crianças engendradas nos bosques. Certamente vos lembrais de que, quando rapariguinha nova, eu era uma das donzelas da Senhora do Lago.

Tentando ser bem-educada, a mulher murmurou:

— Tinha-me esquecido... Então, lá, ainda mantinham os antigos rituais?

— Tal como agora — disse Morgaine, suavemente. — E a Deusa garante-lhes que assim continuarão a fazê-lo, até que o mundo acabe.

Tal como fora a sua intenção, aquilo fez calar a mulher e Morgaine virou-se para Morgause, dizendo:

— Estais pronta, minha parente? Vamos até ao salão. — Quando saíram da sala, respirou profundamente, ao mesmo tempo com alívio e exasperação.

— Patetas, tagarelas... É só ouvi-las! Não terão nada melhor para fazer senão coscuvilhar sobre a vida dos outros?

— Provavelmente, não — disse Morgause. — Os seus cristianíssimos maridos e pais encarregam-se de que não tenham outra coisa para lhes ocupar o espírito.

As portas do enorme salão da Távola Redonda, onde o festim de Pentecostes ia ter lugar, estavam ainda fechadas, para que pudessem entrar todos ao mesmo tempo.

— Arthur dá-nos a cada ano mais cerimoniais — disse Morgause. — Agora vai ser uma grande procissão e fausto, suponho?

— Que esperáveis? — perguntou Morgaine. — Agora não há guerras e ele tem de falar à imaginação do seu povo de qualquer maneira; é suficientemente esperto para o fazer dando-lhes um grande aparato. Ouvi dizer que foi o Merlim que o aconselhou a fazê-lo. O povo (sim, e os nobres

também) gosta de um belo espetáculo, e os druidas sabem disso desde que acenderam as primeiras fogueiras de Beltane. Gwenhwyfar passou muitos anos a fazer deste dia o maior dos feriados, seja em que país cristão for. — Fez o primeiro sorriso verdadeiro que Morgause lhe vira na cara, durante todo o dia. — Até mesmo Arthur sabe que não pode manter o povo na mão apenas com uma missa e um festim: se não houver coisas maravilhosas para ver, não duvido de que Arthur e o Merlim arranjem maneira de inventar uma! Que pena não terem conseguido que o eclipse fosse hoje!

— Vistes o eclipse em Gales? O meu povo estava aterrorizado — disse Morgause — e não duvido de que as patetas das aias de Gwenhwyfar guinchassem e berrassem como se fosse o fim do mundo!

— Gwenhwyfar tem uma paixão por ter idiotas como aias — disse Morgaine. — No entanto, ela própria não é realmente idiota, embora goste de parecê-lo. Pergunto-me como pode tolerar tal coisa...

— Devíeis ter mais paciência com elas — avisou-a Morgause.

Morgaine encolheu os ombros.

— Não me importa o que os idiotas possam pensar de mim.

— Não posso imaginar como é que tendes vivido no reino de Uriens há tanto tempo como rainha, sem ter aprendido mais qualquer coisa sobre a arte de o ser — disse Morgause. — Seja o que for que os homens possam pensar de uma mulher, esta tem de depender da boa vontade das outras mulheres. Que outra coisa aprendestes em Avalon?

Morgaine respondeu, secamente:

— As mulheres em Avalon não são tão idiotas.

Morgause conhecia-a suficientemente bem para perceber que o seu tom irritado queria apenas esconder solidão e sofrimento.

— Morgaine, porque não voltais para Avalon?

Morgaine baixou a cabeça, ciente de que, se Morgause lhe falasse de novo com ternura, ela se desmancharia em lágrimas

— O meu dia ainda não chegou. Foi-me ordenado que ficasse junto de Uriens...

— E Accolon?

— Oh, sim, com Accolon... Devia saber que me íeis censurar por isso...

— Sou a última pessoa a poder falar — disse Morgause. — Mas Uriens não há de viver muito mais tempo...

Morgaine replicou, com a face tão gelada como a voz:

— Isso acreditei eu há anos, no dia em que nos casámos. Parece que ele há de viver tanto tempo como o próprio Taliesin, e Taliesin já tinha mais de noventa anos quando morreu.

Arthur e Gwenhwyfar tinham chegado entretanto e, vagarosamente, iam abrindo caminho para encabeçarem a fila de convidados. Arthur esta-

va esplendorosamente vestido com um traje branco, e Gwenthwyfar, a seu lado, requintadamente vestida de seda branca e com grande profusão de joias. As grandes portas foram abertas de par em par, e eles entraram, seguidos de perto por Morgaine, como irmã do rei, com o marido e os filhos dela, Accolon e Uwayne; depois Morgause, com os seus, como tia do rei; depois Lancelet e os seus; e por fim os outros cavaleiros, um a um, avançaram para a Távola Redonda para tomarem os seus lugares. Alguns anos atrás, um hábil artesão havia gravado, a ouro e púrpura, o nome de cada Companheiro no espaldar da sua cadeira habitual. Ao entrarem, Morgause reparou que o lugar mais perto do rei, todos aqueles anos reservado para o seu herdeiro, havia sido pintado com o nome de Galahad. Mas notou-o apenas com uma rápida olhadela. Porque, por cima dos grandes tronos onde Arthur e Gwenthwyfar se deviam sentar, estavam postos dois estandartes brancos, como os estandartes espalhafatosos com que as batalhas dos palhaços tinham sido feitas, e sobre eles estavam garatujadas figuras, umas feias caricaturas: num dos tronos, estava um estandarte onde fora desenhado um cavaleiro de pé, em cima das cabeças de duas figuras coroadas, que tinham uma diabólica parecença com Arthur e Gwenthwyfar; no outro, estava pintado um quadro licencioso, que fez com que até Morgause, que de modo algum era uma menina pudica, corasse, pois nele estava representada uma mulher pequenina, de cabelos escuros, completamente nua, abraçada por um enorme demónio chifrudo, tendo em volta desenhados uma porção de homens nus em posições sexuais aberrantes.

Gwenthwyfar gritou, em voz estridente:

— Deus e Maria nos defendam!

Arthur parou abruptamente, e virou-se para os servos, interpelando-os numa voz trovejante:

— Como é que isto... isto... — As palavras faltaram-lhe, e indicou as caricaturas com um gesto da mão. — Isto veio aqui parar?

— Sir... — titubeou o camareiro-mor. — Isto não estava aqui quando acabámos de preparar o salão... Estava tudo em ordem, até mesmo as flores diante do lugar da rainha...

— Quem foi a última pessoa a sair deste salão? — inquiriu Arthur.

Cai avançou, coxeando.

— Fui eu, meu senhor e meu irmão. Vim aqui para ver se estava tudo em ordem e juro, perante Deus que nos vê a todos, que nessa altura estava tudo a postos para podermos prestar as devidas honras ao meu rei e à sua senhora. E, se alguma vez encontrar o cão danado que se esgueirou e pôs aí essas coisas, arranco-lhe a cabeça, assim! — E fez o gesto de quem esgana uma galinha.

— Assisti à vossa senhora! — disse Arthur, em voz cortante, vendo que

as açafatas cochichavam alvoroçadamente entre si, enquanto Gwenhwyfar começava a ir-se abaixo num desmaio.

Morgaine segurou-a e impediu-a de cair, enquanto lhe dizia secamente, em voz baixa:

— Gwen, não lhes deis essa satisfação! Sois uma rainha... Que vos importa o que algum idiota rabiscou numa peça de pano? Controlai-vos!

— Como é que eles podem... — Gwenhwyfar soluçou. — Como é que puderam... Como pode alguém odiar-me assim tanto?

— Não há ninguém vivo que consiga deixar de ofender um idiota ou outro — disse Morgaine, enquanto a ajudava a aproximar-se do seu lugar. Mas o estandarte que tinha o quadro mais indecente estava ainda estendido por cima do assento, e Gwenhwyfar recuou horrorizada, como se tivesse tocado em qualquer coisa nojenta. Morgaine atirou o tecido para o chão. Na mesa estavam dispostos copos para vinho; acenou a uma das aias de Gwenhwyfar para que enchesse um e o desse à rainha.

— Não deixeis que isto vos indisponha, Gwen... Imagino que este me deve ser dirigido a mim — disse ela. — Na verdade, dizem à boca pequena que levo demónios para a minha cama; e que é que isso me importa?

— Levem essa porcaria daqui e queimem-na — disse Arthur —, e tragam madeiras perfumadas e incenso para fazer sair o fedor do mal.

Os lacaios precipitaram-se para lhe obedecerem e Cai disse:

— Havemos de descobrir quem fez isto. Certamente foi algum criado que eu despedi, e que voltou para me envergonhar, por eu ter demonstrado um certo orgulho nas decorações do salão este ano. Homens, sirvam vinho e cerveja a todos, e bebamos a nossa primeira rodada à vergonha e miséria desse piolho fedorento que quis estragar a nossa festa. Vamos consentir nisso? Vá! Bebamos à saúde do rei Arthur e da sua senhora!

Fez-se ouvir uma ligeira aclamação, que foi aumentando até atingir um clamor genuíno de apreço, quando Arthur e Gwenhwyfar curvaram a cabeça, cumprimentando-os a todos. Os convivas sentaram-se então, e Arthur disse:

— Tragam agora à minha presença os que tiverem uma mercê a pedir.

Morgause viu-os trazerem à presença do rei um homem qualquer com uma queixa que lhe pareceu estúpida, acerca de uns limites de terras. Em seguida, veio o senhor de um domínio feudal que se queixava de que um vassalo seu tinha abatido um veado nas suas terras.

Morgause estava perto de Gwenhwyfar; inclinou-se e murmurou para a rainha:

— Porque é que Arthur atende, ele próprio, estes casos? Qualquer um dos seus beleguins podia resolvê-los sem que tivesse de perder tempo.

— Também eu pensava assim — murmurou-lhe Gwenhwyfar. — Mas

todos os anos, no Pentecostes, ele ouve um ou dois casos destes, para que o povo comum não pense que ele apenas liga importância aos grandes nobres ou aos seus próprios Companheiros.

Bem, pensou Morgause, era bastante sensato. Houve mais duas ou três pequenas petições e depois, quando a comida já começava a ser trazida, vieram malabaristas e acrobatas para divertir os convivas e um prestidigitador fez um interessante truque, retirando pombos e ovos dos sítios mais inconcebíveis. Morgause pensou que, então, Gwenthwyfar já parecia calma e perguntou-se se alguma vez iriam deitar mão ao autor dos desenhos. Um deles representava Morgaine como uma meretriz, e isso já era bastante mau; mas o outro, segundo lhe parecia, era ainda mais sério... mostrando Lancelet a espezinhar tanto o rei como a rainha. Algo tinha acontecido naquele dia além de uma humilhação pública para o campeão da rainha, refletiu Morgause. Isso podia ter sido dissipado pela elegância com que ele tratara o jovem Gwydion (não, Mordred), e pela evidente ausência de qualquer ressentimento depois do incidente encerrado. Mas, apesar da popularidade que Lancelet gozava junto do rei e dos Companheiros, era indiscutível que havia quem detestasse a evidente parcialidade de Gwenthwyfar pelo seu campeão.

— Que está agora a passar-se? — perguntou a Gwenthwyfar.

A rainha sorriu. Fosse o que fosse que estava a passar-se, enquanto se ouviam trompas a tocar fora do salão, era algo que lhe dava prazer.

As portas abriram-se de par em par; as trompas, as rudes trompas dos saxões voltaram a soar bem alto. Então, três grandes saxões com correntes de ouro ao pescoço e braceletes também de ouro nos braços, envergando trajes de peles e couro, ostentando grandes espadas e elmos ornados de chifres, com pequenas coroas de ouro na cabeça, entraram no salão da Távola Redonda, cada um deles com a respetiva comitiva atrás.

— Meu senhor, Arthur — clamou um deles —, sou Adelic, Lord de Kent e Anglia, e estes são os reis meus irmãos. Viemos pedir-vos a mercê de vos prestarmos tributo, a vós, o mais cristão de todos os reis, e de fazermos um tratado permanente, convosco e com a vossa corte, para sempre!

— Lot deve estar às voltas na sepultura — disse Morgause — mas Viviane ficaria feliz se aqui estivesse.

Morgaine não lhe respondeu.

O bispo Patricius levantou-se e aproximou-se dos reis saxões, dando-lhes as boas-vindas. Disse para Arthur:

— Meu senhor, depois de tantas e tão longas guerras, isto é para mim motivo de grande alegria. Peço-vos que deis as boas-vindas a estes homens, e os acolhais como vossos súbditos, aceitando o seu juramento, como peñhor de que todos os reis cristãos devem ser irmãos.

Morgaine estava mortalmente pálida. Ia começar a levantar-se e a falar, mas Uriens olhou para ela com a testa franzida e o olhar carregado, e ela deixou-se cair de novo na cadeira. Morgause disse, bem-humorada:

— Lembro-me ainda de quando o bispo até se recusava a mandar alguém cristianizar estes bárbaros. Lot disse-me que tinham jurado nunca se reunir aos saxões com companheirismo, nem sequer no Céu, e que nunca enviariam missões para o meio deles... Achavam que estava certo que todos os saxões acabassem por ir para o Inferno. Mas, claro, isto foi há trinta anos!

Arthur disse:

— Desde que subi ao trono, tenho ansiado por ver o fim das guerras que têm devastado estas terras. Temos vivido em paz há muitos anos, senhor bispo, e dou-vos agora as boas-vindas, senhores, à minha corte e à minha companhia.

— É nosso costume — disse um dos saxões (não Adelic, notou Morgause, pois este que falou usava uma espécie de manto azul, enquanto o de Adelic era castanho) — jurarmos sobre o aço. Podemos prestar juramento sobre a cruz da vossa espada, Lord Arthur, em sinal de que nos encontramos como reis cristãos, sob um Deus único que nos governa a todos?

— Assim seja — disse Arthur, calmamente; e desceu do estrado postando-se diante deles. À luz dos muitos archotes e candelabros, Excalibur flamejou como um relâmpago quando ele a brandiu. Estendeu-a a direito à sua frente e uma grande sombra ondulante, a sombra de uma cruz, projetou-se a todo o comprimento do salão. Os reis ajoelharam-se.

Gwenhwyfar parecia satisfeita; Galahad resplandecia de alegria. Morgaine estava branca de fúria e Morgause ouviu-a segredar a Uriens:

— Como ousa dar semelhante uso à espada sagrada de Avalon? Como sacerdotisa de Avalon, não ficarei sentada a presenciar semelhante cena em silêncio!

Começou a levantar-se, mas Uriens agarrou-a fortemente pelo pulso. Em silêncio, ela tentou libertar-se, mas Uriens, embora velho, era um guerreiro, e Morgaine apenas uma mulher pequenina. Por momentos, Morgause pensou que ele ia partir os pequenos ossos do pulso de Morgaine, mas ela não gritou, nem gemeu. Cerrou os dentes com força e conseguiu finalmente libertar o pulso. Então, disse, suficientemente alto para que Gwenhwyfar pudesse ouvir:

— Viviane morreu com o seu trabalho por terminar. Eu deixei-me ficar quieta, enquanto filhos que não concebi cresciam e eram armados cavaleiros e Arthur acabava por cair nas mãos dos padres!

— Senhora — disse Accolon, debruçando-se sobre a cadeira dela —, nem mesmo vós podeis estragar este dia sagrado. Falai em privado com

Arthur, discuti então com ele, se achais que deveis fazê-lo... Tenho a certeza que o Merlim vos ajudará!

Morgaine baixou os olhos, e mordeu com força o lábio inferior.

Arthur abraçou os reis saxões um a um, dando-lhes as boas-vindas e conduzindo-os a lugares perto do trono.

— Os vossos filhos, se se mostrarem dignos disso, serão bem-vindos entre os meus Companheiros — disse ele, fazendo um gesto para chamar os criados que traziam presentes, espadas e adagas finamente trabalhadas, e um rico manto para Adelric. Morgause pegou num bolo peganhento de mel, e meteu-o entre os dentes cerrados de Morgaine.

— Gostais demasiado de jejuar, Morgaine — disse ela. — Comei isto! Estais pálida; sois capaz de desmaiar na cadeira!

— Não é a fome que me faz ficar pálida — disse Morgaine.

Mas aceitou o bolo. Bebeu também um pouco de vinho, e Morgause pôde ver que ela tinha as mãos a tremer. Num dos pulsos, viam-se as nódoas negras deixadas pelos dedos de Uriens.

Então, Morgaine levantou-se. Disse calmamente a Uriens:

— Não vos preocupeis, meu muito amado marido. Não direi nada que possa ofender-vos a vós ou ao nosso rei.

Depois, virando-se para Arthur, disse em voz alta:

— Meu senhor e irmão! Posso pedir-vos um favor?

— Minha irmã e esposa do meu leal rei súbdito Uriens, podes pedir aquilo que quiseres — disse Arthur, jovialmente

— O último dos vossos súbditos, Sir, pode pedir uma audiência. Eu peço-vos que me concedeis essa audiência — disse ela.

Arthur ergueu as sobrancelhas, mas respondeu-lhe no mesmo tom formal que ela adotara:

— Esta noite, se quiserdes, antes de me deitar. Receber-vos-ei no meu próprio quarto, com o vosso marido, se assim o desejardes.

Quem me dera ser mosca, pensou Morgause, para estar no quarto durante essa audiência!